CHAMA

DIRECTOR ★ A.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO ★ A.C.C. JOÃO MANOEL D'OLIVEIRA MARTINHO
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO ★ C E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
2 DE MARÇO DE 1962
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

Duarte de Almeida

Mais uma vez comemoraram os filiados do C. E. 2 o seu patrono, o bravo e heróico porta-bandeira da batalha de Toro.

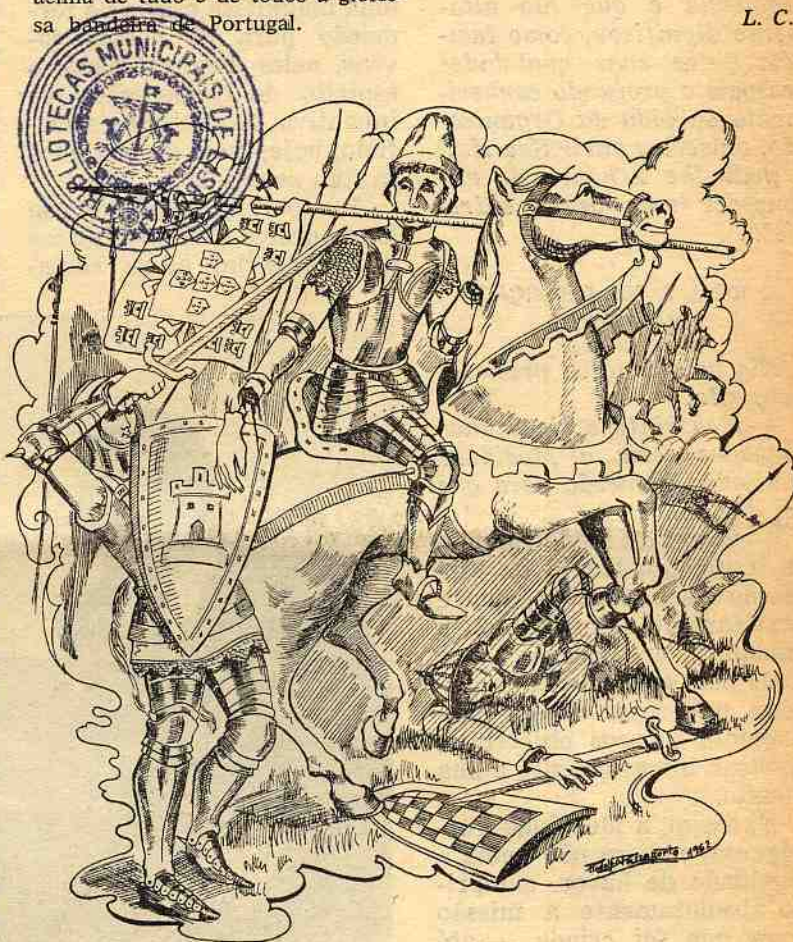
Está em festa o nosso Centro, em festa porque de novo nos é dado lembrar, o exemplo e o heroísmo de alguém que, pelos feitos cometidos, conquistou nas páginas da história jus à imortalidade e à gratidão nacional; festa, porque o podemos fazer na companhia dos nossos dirigentes mais categorizados, ouvindo a sua palavra de Ordem, sempre aguardada com ansiedade; festa, ainda, porque para além das preocupações que nos dominam, dos perigos que nos ameaçam, das traições que nos entristecem, não podemos encontrar melhor estímulo para prosseguir a luta, maior esperança na vitória que, certamente, será nossa, do que saber que hoje, como sempre, saberemos cumprir e honrar o nome de cristãos e de portugueses, do que evocar os heróis e os santos de Portugal.

Duarte d'Almeida vale como um símbolo, símbolo de quanto é capaz a força de um homem e a alma de um soldado quando nas suas mãos está entregue algo mais que a sua defesa pessoal e que por si só representa a Nação no seu passado histórico e na sua projecção futura — a bandeira da Pátria!

Ao deixar cortar as suas mãos, ao segurar nos dentes o pavilhão das Quinas, Duarte de Almeida é mais que um homem pois a sua força supera a força humana. Nele está inteira a alma de um povo, dum povo livre, unido, senhor dos seus destinos e pronto a morrer tendo por mortalha a Bandeira Nacional em defesa dos interesses da Portugalidade.

Vivemos, actualmente, uma hora difícil tantos são os perigos e os inimigos que nos ameaçam. Mas, graças a Deus, temos o que falta a outros estados, bem poderosos alguns, temos uma história, temos um passado, temos feitos de glória e de Santidade dos mais ilustres que homens jamais cometeram.

Saberemos tirar das lições de antanho todo o valor e com elas constituir o maior escudo para a defesa dos ataques e para a ignomínia das traições a que é mister fazer face.

Na hora em que temos de salvaguardar em tantas frentes de batalha a integridade e a honra nacionais, recordemos orgulhosamente um novo Duarte de Almeida e saibamos como ele próprio colocar acima de tudo e de todos a gloriosa bandeira de Portugal.

Eram muitos os soldados de Castela?

São muitos os nossos inimigos de hoje?

Que importa o número se permanecemos um povo disposto a lutar pela sua missão histórica, unido em volta dos mais altos ideais da Pátria e cônscio dos seus deveres e responsabilidades para com todos os que antecederam e para com todos os que hão-de vir!

L. C.

O DECEPADO

As setas sibilavam velozmente
Na batalha tão cheia de crueza
Um homem avançava audazmente
Mostrando a Bandeira Portuguesa!

Cortam-lhe as mãos; é já o Decepado;
Num ímpeto de amor e de loucura
Dá o sangue por Portugal amado
Co'a bandeira nos dentes sempre pura.

Foi mais um português que ao sofrer
Mostrou ao mundo o que pode valer
O sentimento pátrio e leal.

E o seu derradeiro pensamento
Quando o sangue escorria no momento
Foi: — «Viva a minha Terra, Portugal!»

A.C.C. ANTÓNIO REIS PEDROSO

Os nossos homens de amanhã hão-de manter aquela grandeza de alma e firmeza de ânimo que são penhor seguro da perenidade da nossa pátria

— disse o Delegado Distrital na sua Saudação aos Filiados da Covilhã

O Dr. José Catanas Diogo, Delegado Distrital de Castelo Branco, dirigente zelosíssimo e dotado de um entusiasmo raro soube ganhar em pouco tempo a estima, a confiança e a admiração de todos os seus colaboradores.

Não só pelo cargo que desempenha e que tão altamente dignificou, como também pelas suas qualidades pessoais e profundo conhecimento da vida da Organização, quisemos ouvir Sua Ex.ª e pedir-lhe a honra de nos conceder uma breve entrevista.

O IDEAL É, POR DEFINIÇÃO, INATINGÍVEL

Eis pois a nossa primeira pergunta.

— Nos vinte e cinco anos passados teria a Mocidade cumprido a missão para que foi criada?

— É por tal modo complexa a ingente tarefa da formação da Juventude, que é pràticamente impossível a qualquer organização, por mais bem estruturada e perfeita que seja, atingir plenamente os seus objectivos, realizar integralmente a sua missão.

E, assim, a Mocidade Portuguesa, embora não tenha a veleidade de haver cumprido absolutamente a missão para que foi criada, — até mesmo porque *o ideal é, por definição, inatingível* —, seria, no entanto, pleitear com decidida má-fé, se não reconhecessemos quanto a esta patriótica Organização fica devendo o nosso País, como valiosa e incansável colaboradora da Escola, da Igreja e da Família na obra formativa dos *homens de amanhã*.

A Mocidade Portuguesa atravessa, presentemente, um período de grande renovação.

Gostaríamos que Vossa Excelência nos dissesse o que pensa sobre o seu futuro.

— De facto, parece, notar-se, após um período de aparente letargia, um maior entusiasmo, um verdadeiro recrudescimento nas actividades gerais da Mocidade Portuguesa, em parte resultante da acção dalguns dirigentes e de um melhor apetrechamento dos diferentes Centros quanto a material desportivo e de campismo. Assim se correspondeu aos desejos manifestados pelos filiados, que tanto apreciam estas duas actividades, que são, sem dúvida alguma, uma magnífica escola de formação para os nossos jovens, neles desenvolvendo o espírito de cooperação, de iniciativa, de decisão e sacrifício, hoje, mais do que nunca, tão necessários.

A experiência colhida ao longo destes últimos 25 anos de existência, há-de certamente contribuir para que, através de uma inteligente e oportuna adaptação às novas condições sociais, o jovem cada vez se sinta mais preso à Organização, nela encontrando uma verdadeira resposta aos seus anseios de viver uma vida com dignidade e com fé nos seus destinos, bem como nos de Portugal.

O ACAMPAMENTO DISTRITAL DESTE ANO REALIZAR-SE-Á EM CASTELO BRANCO

Continuando a nossa conversa e gostando de saber o que pensava o Delegado Distrital sobre um provável acampamento de Páscoa perguntámos:

— Com a aproximação da Páscoa já se principia a falar em Acampamento Distrital. Poderia Vossa Excelência dizer-nos quando e onde se realizará?

— Se as condições atmosféricas, nem sempre favoráveis, o permitirem, tencionamos promover a realização de um Acampamento Distrital na primeira semana das próximas férias da Páscoa.

Temos fundadas esperanças de que nele tomem já parte contingentes de filiados dalgumas Alas que, por falta de meios adequados, não puderam figurar no anteriormente realizado.

Por variadas razões, sendo a principal derivada de uma maior facilidade na concentração dos filiados dos diferentes Centros da Divisão, o *acampamento* deste ano ainda se efectuará, em princípio, nos arredores de *Castelo Branco*, num local dispondo de favoráveis condições e onde por generosa deferência do seu ilustre proprietário, Senhor Visconde do Alcaide, já têm sido realizados outros acampamentos.

DE JUSTIÇA É SALIENTAR A COLABORAÇÃO DA M.P.F.

Falámos depois da camaradagem que deve nortear toda a vida dos Centros e tendo em conta as visitas feitas pelos Centros que funcionam nos dois Liceus do Distrito, perguntámos:

— Entende Vossa Excelência que são vantajosas estas visitas e em caso afirmativo vê possibilidades de no corrente ano tornarem a ter efectivação?

— Foi com a maior simpatia e entusiasmo que desde logo a Delegação Distrital acarinhou as visitas de intercâmbio realizadas entre os Centros as Alas da Covilhã e de Castelo Branco, em boa hora iniciadas no ano áureo das comemorações henriquinas, e que tanto têm contribuído para um maior estreitamento dos laços de boa camaradagem existentes entre os filiados dos diferentes Centros, como membros que são desta grande família que é a Mocidade Portuguesa. *De justiça é salientar*, que essas visitas têm merecido a amável e simpática *colaboração* das Dirigentes e filiadas *da Mocidade Portuguesa Feminina* das duas cidades irmãs. De esperar é, portanto, que essas frutuosas visitas de camaradagem continuem a realizar-se no presente ano lectivo, e em breve se iniciem.

A hora já ia adiantada pelo que terminámos a nossa conversa, não sem que antes tivessemos pedido ao nosso Delegado uma saudação aos Filiados covilhanenses.

— É com o maior prazer que, por intermédio do vosso jornal, eu quero efusivamente saudar todos os jovens da bela e operosa cidade da Covilhã, de tão nobres e gloriosas tradições.

Embora vivamos numa era de desorientação, em que ventos de insânia tudo parecem subverter e amolentar, eu não «faço votos», como em qualquer vulgar saudação, pois tenho a certeza plena de que *os nossos homens de amanhã*, com a alma temperada pelos ásperos e sadios ares da Serra, *hão-de manter*, pelos tempos fora, iluminados pela *chama* de um alto ideal, *aquela grandeza de alma e firmeza de ânimo que sempre foram* apanágio das gentes bieroas e *são penhor seguro da perenidade da nossa Pátria.*

João Manoel O. Martinho
(A.C.C.)

TRIBUNA DOS ANTIGOS

O HOMEM E A VIDA

escreveu o A. C. C. Luís F. Moura e Silva

A vida é uma luta. Luta com os outros, luta com as circunstâncias, luta contra nós mesmos. O Homem é tanto mais digno de assim se chamar, na medida em que sair vencedor dessa luta.

A luta é constante, sem tréguas; suportamo-la em todos os momentos da nossa vida, ao praticar os mínimos actos. Que glória, que satisfação profunda, interna, quente, suave, nos invade ao sair vitoriosos desses constantes recontros, um após outro, sempre, sempre, sem quebrar.

Ser homem é saber aquilo que se quer, e fazer aquilo que se quer; é saber a atitude a tomar em qualquer ocasião, e tomá-la, mesmo contra tudo e todos; é saber dizer não a nós mesmos, é manter a linha recta, sem desvios, quedas, hesitações; é ter a consciência de que nada nem ninguém pode impedir-nos de fazer o que queremos, nem obrigar-nos a fazer o que não queremos, quando estamos senhores da razão.

Muitas vezes se encontra deturpada esta concepção. Virilidade não é abjecção, força não é brutalidade, domínio não é abuso, ser inabalável não é ser casmurro.

A Mocidade Portuguesa quer homens fortes, seguros, dignos, que desprezam o erro e a mentira, a fraqueza e cobardia, a dissimulação e a baixeza, que saibam portar-se com dignidade, digam a verdade de frente, sejam valentes mas não impulsivos e irreflectidos. Quere jovens que sintam em si o fogo da sua juventude, a força da sua vontade, sejam activos, lutem por um ideal. Como é desprezível a mole, indolente, morna! Como ela é bela quando vibra por um ideal, luta, sacrifica-se!

O Homem é algo muito superior, sagrado, que se deve respeitar a si mesmo. Não é como o catavento que se volta para onde lhe sopram, não segue todos os caminhos sem chegar a nenhum fim; é como a rocha, firme contra as tempestades, a falésia dura contra os temporais, e como um cano de assalto que nunca deixa a linha recta e que só a morte pode deter.

Nós, jovens, que temos em nós a maior força, a força da nossa mocidade, a fé nos nossos ideais, somos senhores do futuro. Lembremo-nos que amanhã o mundo será nosso, e será como nós o fizermos. Provemos que jovens não são só os «teddy-boys» que malbaratam a maravilhosa força que possuem, sem compreenderem que o fogo que aquece a casa do sábio no Inverno, é o mesmo que faz arder a do idiota. Que ninguém nos possa apontar a fraqueza, a indignidade ou o vício!

Não nos deixemos arrastar na corrente da indolência, na comodidade do «não te rales», no prazer incompleto, imperfeito e deturpado das satisfações animais, na sonolência do espírito e da vontade. Não! Ergamos a cabeça, lutemos com toda a energia da nossa vontade forte, da nossa juventude sã, do nosso coração ardente, dos nossos ideais elevados! Construamos um mundo melhor e vivamos a Vida em toda a sua plenitude, como verdadeiros Homens que nos orgulhamos de ser!

CARTA ABERTA A UM COLEGA

Guarda, 20 de Janeiro de 1962.

Não! Não começo por desejar que te encontres bem!

Seria um começo demasiado banal, demasiado corriqueiro, e esta carta não é banal, pelo menos farei todos os possíveis para que não seja.

Tu, que tiveste duas ou três negativas, que esperas para começar a estudar? Talvez que o saber caia do céu aos trambolhões? Mas olha que isso não acontecerá de certeza, se tu não estudares. Bem sei, estamos no princípio do período e ele é longo, tem quase três meses e meio de aulas. Mas isso não importa, de princípio é que se começa. E verás, que se principiares agora, estudando pouco a pouco, chegarás ao fim sem custo nenhum. Mas lembra-te que, se pensas que os professores te darão nota para ir a exame, enganas-te, pois eles só o farão se virem que tu tens qualidades para passar. Convence-te que nenhum professor te deixará ir a exame, se souber que tu chegas lá e «chumbas». É sempre desagradável para um professor dar nota a um aluno e vê-lo reprovar no exame final.

Dir-me-ás que tens em atraso toda a matéria do primeiro período. De acordo, mas porque não divides essa matéria em partes e a vais estudando pouco a pouco?

Poderás ainda argumentar que os professores não ajudam. É falso! Todos os professores estarão prontos a auxiliar-te, desde que tu tenhas vontade de trabalhar e de chegar a exame e passar.

Lembra-te que um ano perdido nunca mais se recupera. O tempo passa sempre e não se importa de quem fica para trás. Agora julgas que, ano a mais, ano a menos, não te faz diferença. És novo, tens uma vida inteira à tua frente, podes dar-te ao luxo de perder um ano. Mas agora um por «desporto», amanhã outro por doença, ou por outro motivo qualquer a que te não possas opor, soma no fim três ou quatro anos perdidos, quando se podia perder apenas uns dois! E isto só para poderes brincar e divertir-te durante os períodos escolares. Para isso existem as férias...

Podes dizer-me que chegas a meio do período e já estás farto de aulas. Mas também chegas a meio das férias grandes e às vezes já estás farto delas. E, além disso, na vida todos temos aborrecimentos, para os quais não há outro remédio senão «aguentar e ca'ar».

Alegas também que os professores não explicam. Às vezes, é certo os professores não cumprem a missão que lhes foi confiada, mas também, se tu não és capaz de estudar, por ti próprio, uma ou duas disciplinas, desculpa que te diga, mas nunca serás nada na vida. Cada um tem que vencer pelos seus próprios meios, se não se quiser deixar esmagar pelo turbilhão de interesses mesquinhos da época actual.

Além disso, para que tens tu um explicador? Para te ajudar a fazer os trabalhos marcados pelos professores? Não! Não pode ser! A missão do explicador é ajudar o aluno sim, mas a compreender e a recuperar a matéria atrasada. Com a sua ajuda tens ainda mais possibilidades de vencer.

Vai Não percas tempo Agarra-te que ainda tens tempo de estudar!

Luís Plácido Miranda Garcia
(A.C.C.)

MISSÃO DE SERVIÇO

A «Chama» recebeu notícias do antigo A.C.C. do C. E. N.º 2, João dos Santos Teixeira, em serviço de soberania na nossa província de Angola.

Agradecemos as suas palavras tão amigas e a evocação dos tempos passados neste Centro.

Todos nós o acompanhamos certos de que saberá cumprir dignamente a alta missão a que foi chamado.

Espírito missionário português

Desde sempre o nosso ideal cristão norteou todos os nossos empreendimentos e nos tornou corajosos e audazes, heróicos mesmo, nos momentos difíceis que temos atravessado.

Para nós Cristo era e é de facto, um Deus, um verdadeiro Deus, que desde longa data reconhecemos necessário que os homens conhecessem e adorassem e cuja doutrina era a da paz, da moralidade, do bem e a única que melhor conduziria ao entendimento entre os povos.

Os nossos reis, profunda e sinceramente religiosos davam assim ao povo um magnífico exemplo da sua fé e amor a Jesus Cristo.

Numa revisão ainda que superficial e breve da nossa história, pode dizer-se que o nosso pensamento estava sempre com Deus, quer nas batalhas contra os Infiéis, quer nas campanhas dos Descobrimentos, quer nas lutas do Norte de Africa e até, nos nossos dias, no repúdio dos ataques dos terroristas em Angola.

E sempre, sempre Deus concedeu uma especial protecção ao nosso Portugal sempre nos deu forças para lutar contra aqueles nos invejam adentro da nossa pequenez, mas a quem mostramos grandeza de alma e dignidade.

A cruz de Cristo, a mesma que seguia nas velas das nossas naus, a que brilha das asas dos nossos aviões, a que o nossos guerreiros levaram nas vestes ensinou ao mundo o símbolo que nos guia a quem sobremaneira respeitamos, quando estampada nas nossas bandeiras flutuava no céu como que a dar-nos a coragem necessária para os momentos de crise.

Quando Alvares Cabral chegou a Vera Cruz, logo ali foi armado um altar e rezada missa de acção de graças; sempre que aportavamos a terras desconhecidas pejadas de selvagens, logo erguíamos os nossos padrões com a cruz e nas vigílias que precediam os grandes feitos, rezávamos sempre, confiados na protecção divina. E se percorrermos o país de norte a sul, as inúmeras capelinhas e santuários atestam bem, quão grande é o culto que Portugal presta a Deus, muito especialmente à Virgem Santíssima que como reconhecida à nossa lealdade e fé nos visitou em Fátima, convertida hoje no Altar do Mundo.

C. Q. Maria Helena Pimentel Tavares

DUARTE DE ALMEIDA — patrono do Nosso Centro

As comemorações do Patrono tiveram lugar este ano a 27 de Fevereiro por o dia 2 de Março estar já, dentro da quadra de Carnaval.

A secção Cultural não se poupou a esforços para lhe dar o relevo e brilho merecidos, pelo que bem merece o reconhecimento de todos que trabalham neste Centro.

Mais uma vez as nossas colegas do C.E. 1 da M.P.F. sentindo e vivendo as nossas festas como suas próprias deram a melhor das colaborações e acompanharam todos os preparativos desde a primeira hora com o maior interesse. Aqui lhe deixamos o nosso obrigado muito sincero.

Leitura da Ordem de Serviço

MISSA

As 12,30 horas foi celebrado o Santo Sacrifício da Missa, primeiro acto solene destas comemorações e que teve a assistência das mais representativas autoridades locais, dirigentes e filiados da M.P. e de muitas famílias de alunos do Liceu.

Maria Fernanda Frazão recita uma poesia

A homilia proferiu uma vibrante exortação o Rev. Assistente Eclesiástico do Centro, A.Q.A.R. Padre José Baptista Fernandes, que chamou a atenção de todos para o apelo feito à juventude portuguesa na última pastoral do nosso Venerando Episcopado. A terminar as suas palavras referiu-se, ainda, à responsabilidade dos rapazes e raparigas da M.P. que desejaria ver bem conscientes dos seus deveres para com Deus e a Pátria.

SESSÃO SOLENE

As 15,30 horas realizou-se no ginásio do Liceu uma sessão solene a que presidiu o Delegado Distrital da Divisão de Castelo Branco, I.Q.G. Dr. José Catanas Diogo, secretariado pelos senhores Dr. Carlos Coelho, Deputado da Nação, eng. Ernesto Melo e Castro, Sub-delegado regional da Ala da Covilhã, Dr. José Abrantes da Cunha, Reitor do Liceu e Director do C.E. n.º 2 e o C.C. Rolão Bernardo, comandante de Instrução do C. E. n.º 2. Estiveram igualmente presentes as autoridades religiosas, civis e militares.

Depois do Orfeão do Liceu ter entoado a «Marcha da Mocidade» foi lida a ordem de serviço n.º 35 do Centro, pela qual foi louvado o A.I. José Fernando da Graça Bordadágua.

O Delegado Distrital procedeu em seguida à entrega das insígnias ao novo A.C.C. António Reis Pedroso que havia já anteriormente sido promovido a esse posto.

Usou então da palavra o Chefe da Secção Cultural, a cargo de quem esteve a organização destas festas.

Publicamos noutro local, a saudação do nosso colega João Manoel Martinho.

O Director de Centro, seguidamente, agradeceu a presença das autoridades e fez o elogio do Dr. Martins da Cruz que se deslocou à Covilhã para falar nesta sessão sobre o nosso patrono e a sua alta lição de patriotismo. Como o sr. Dr. Martins da Cruz proferiu um improviso não nos será possível uma transcrição fiel e exacta das suas palavras tão vibrantes e entusiásticas o que sinceramente lamentamos.

PALAVRAS DO DR. MARTINS DA CRUZ

O sr. Dr. Martins da Cruz começou por exprimir o desejo de que em breve a cidade da Covilhã tenha um Liceu capaz de albergar as suas centenas de alunos, fazendo votos para que esse sonho depressa seja uma realidade.

Depois, disse do seu muito agrado por falar à juventude na qual deposita as mais altas esperanças, e junto de quem se propunha tratar, não num discurso, mas em amena conversa, dum exemplo de Patriotismo que é sem dúvida uma das maiores glórias da História Nacional.

«O feito de Duarte d'Almeida consegue congregar-nos, aqui, séculos volvidos, para o homenagear», afirmou o Sr. Dr. Martins da Cruz que logo a seguir depois de ter relatado o comportamento do herói da batalha de Toro na defesa da Bandeira perguntou:

«E o que significa a Bandeira? Ela é o símbolo da Pátria, da Nação, de El-Rei, de Portugal, a encarnação dos valores superiores que elevam a Pátria a engrandecem, a dignificam. O amor da Pátria era em Duarte d'Almeida mais vivo que a dor que o atormentava e já com as mãos cortadas erguia com os dentes a Bandeira bem alto para que todos, oficiais e soldados ao contemplá-la sentissem a presença de Portugal. O vosso Patrono, o herói, o Alferes-mor da Batalha de Toro era, verdadeiramente, um espírito de eleição».

Depois o Sr. Dr. Martins da Cruz referiu-se à ideia errada que muitos fazem sobre a verdadeira noção do heroísmo dizendo que hoje como ontem podemos ser chamados a dar pleno testemunho do nosso Patriotismo e espírito de abnegação, evocando então o Tenente Santiago de Carvalho que, tá meses deu a vida em defesa de Damão numa luta que a desproporção de forças tinha, já, decidido o resultado no campo militar, mas onde era preciso honrar dignamente o nome de Portugal.

«Do feito de Duarte d'Almeida devemos tirar uma lição — o amor a Portugal». E logo a seguir o orador disse que o amor da Pátria se revela nas lutas e combates do dia a dia, na forma como cumprirmos os nossos deveres, na devoção que votamos ao nosso trabalho quotidiano e na consciência com que preparamos o futuro.

E logo a seguir afirmou: «Fazei todos os dias o vosso dever e estais a amar Portugal».

As suas últimas palavras foram proferidas tão vibrantemente que não as poderemos esquecer e como se dirigiram a nós aqui dexamos o nosso agradecimento muito vivo e sincero:

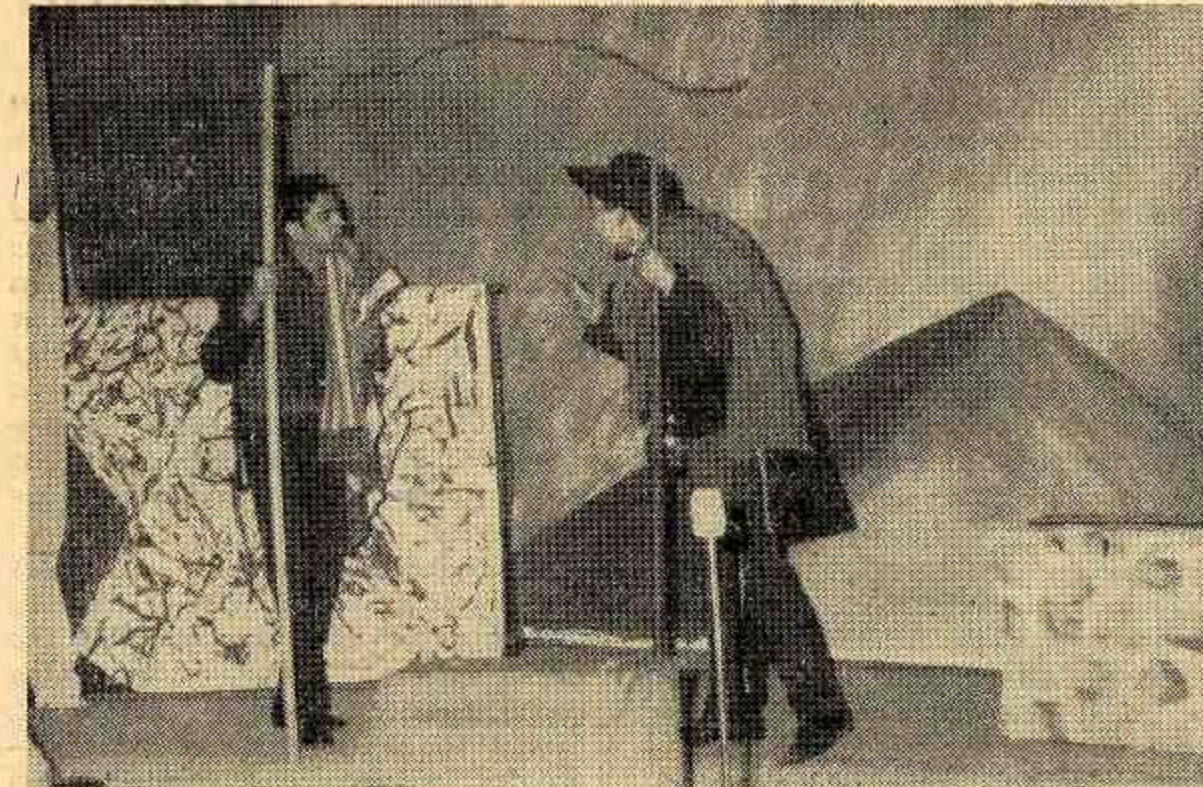
«Acreditai!!! — quando chegardes à nossa idade, aos 40 anos ou ainda antes disso, acreditai que já não vivemos para nós, vivemos para vós, para a juventude!

Pomos os olhos em vós e queremos apenas preparar-vos o futuro para que este Portugal belo, lindo, heróico, grandioso que recebemos dos nossos pais honrado e alevantado, vo-lo possamos entregar, honrado e alevantado também, para que vós quando chegardes à nossa idade, o possais entregar honrado e alevantado e assim sucessivamente de gerações em gerações

O Dr. Martins da Cruz no uso da palavra

através dos séculos, porque essa é a nossa esperança, essa é a nossa certeza, que através dos séculos, mercê do espírito glorioso, dedicado, extraordinário e batalhador da juventude de Portugal, este nome será eterno e será bendito. Que assim seja e que vo-lo possamos agradecer a vós também».

O DELEGADO DISTRITAL ENCERROU A SESSÃO

Depois das palavras do Dr. Martins da Cruz que toda a assistência calorosamente aplaudiu falou o Delegado Distrital que encerrou a sessão.

Primeira cena do «Auto do Bom Pastor»

Felicitou em primeiro lugar o A.I. José da Graça Bordadágua e o Chefe da Secção cultural pelos louvores concedidos pelo Director de Centro.

Depois de ter saudado o Dr. Carlos Coelho a quem agradeceu todo o auxílio que tem dedicado à M.P. e o Subdelegado Regional pelas suas melhoras, o Dr. Catanas Diogo referiu-se, ainda, à grande colaboração que liga os Centros dos Liceus da Covilhã e Castelo Branco fazendo votos para que esses laços de amizade se estreitem cada vez mais.

O Conjunto «Os Condes»

A terminar o Delegado Distrital cumprimentou o Dr. Martins da Cruz dizendo do seu muito agrado em ter assistido a esta sessão o que lhe permitiu o grande gosto de ouvir tão magnífica exortação à juventude covilhanense.

A PEÇA «AUTO DO BOM PASTOR»

Depois da sessão solene foi representada a peça de António Manuel Couto Viana o «Auto do Bom Pastor».

Por estar doente o Chefe de Quina Luís Manuel Nunes Sena que deveria interpretar o papel de Fausto, teve à última hora de ser substituído pelo A.I. José da Graça Bordadágua, a cargo de quem está a secção de teatro.

Os outros papéis tiveram a seguinte distribuição:

Pedro — A.C.C. António Reis Pedroso

Silvano — C.C. José Proença Mendes.

Diabo — C.Q. Carlos Ferreira da Silva

Diabrete — C.Q. Jorge Teixeira

Anjo — Maria Alice Gil de Campos

A assistência não regateou os aplausos aos nossos «actores» que cumpriram muito bem, estando absolutamente integrados no papel que desempenhavam.

É de esperar que a secção de teatro nos apresente ainda no decorrer deste ano mais alguma peça para o que contamos desde já com a boa vontade e o entusiasmo do Bordadágua.

VARIEDADES

Nas variedades apresentaram-se pela primeira vez os novos conjuntos ligeiros do centro: «Os dois rapazes», constituido pelos filiados Francisco Matos e C.Q. João José Varandas; «Os Fífias» pelos A.C.C. Pedro Alvaro Mangana Monteiro, C.Q. Jorge Teixeira e Francisco José de Oliveira; «Os Condes» formado pelos filiados C.C. José Orlando Pereira Carvalho, C.Q. António Rodrigues, C.Q. António Pereira, António Augusto Fino, Leopoldo Conde de Almeida. Este conjunto apresentou ainda como solista Ana Maria Dória.

Última cena do «Auto do Bom Pastor»

O orfeão feminino acompanhado pelo conjunto instrumental do Centro interpretou sob a direcção da Sr.ª D. Maria Augusta Soares, vários números do nosso folclore. Foram solistas as filiadas do C.E. n.º 1 da M.P.F. Adélia Fernanda Craveiro Carvalho e Maria Gabriela Pires Carvalheiro. Todos estes números foram muito aplaudidos o que bem mostrou o agrado da sua audição.

Pelos filiados C.C. José Alberto Rolão Bernardo, C.C. José Proença Mendes e A.C.C. Alberto Augusto Abrunhosa Branquinho, foi representado uma farsa de sua autoria que durante uns minutos manteve a assistência em constante gargalhada.

A crítica ao Centro e ao Liceu foi apresentada em forma de tele-jornal pelos filiados A.C.C. João Manoel Martinho e A.C.C. António Reis Pedroso que o Alberto Branquinho viria a completar em quadras soltas que cantou acompanhado à viola e guitarra e a que deu o nome de «Fado do Liceu».

Maria Fernanda Frazão recitou ainda e com o agrado de sempre versos de Fernando Pessoa e José Régio e o António Pedroso disse a sua poesia «O Decepado» que publicamos na primeira página.

A festa do nosso Patrono foi na verdade uma festa de família vivida desde a primeira hora com o melhor espírito e que como todas as outras já passadas recordamos com saudade.

C. C. Rolão Bernardo

«Os dois rapazes»

Na secção de jornalismo do C. E. 1 «A Mocidade fala à Mocidade» dirigiu o Subdelegado Regional Eng. Ernesto de Campos Melo e Castro algumas palavras aos filiados da sua Ala.

Teve sua Ex.ª para com a «Chama» especiais e amigas referências que muito reconhecidamente agradecemos.

Não fazemos mais do que procurar cumprir na fraca medida das nossas possibilidades, mas é-nos sempre grato ver reconhecido por superiores o esforço dispendido e sobretudo a boa vontade que lhe votamos.

«Chama» orgulha-se de arquivar nas suas colunas a exortação com que o nosso Subdelegado terminou o seu artigo e que se dirige a todos nós que trabalhamos e servimos a M. P.

«Rapazes! Perdoai que eu vos faça, ao concluir estas notas, uma breve exortação e um aviso.

O Mundo, com os seus extraordinários e não sei se excessivos progressos materiais, esqueceu quase completamente a pouca moral que ainda tinha. Pode afirmar-se que entrou dum modo geral em franca deliquescência, visionando-se para as gerações que surgem um futuro bastante nebuloso e sobretudo confuso. Será mesmo muito difícil prever o que vos espera!

Exortação

Palavras do Subdelegado Regional

Abrem-se perante vós dois caminhos perfeitamente distintos: um fácil, atraente, com ideologias aliciantes e aparentemente cheias de beleza, utilizando palavras mágicas como: «libertação», «independência», «auto-determinação», «anti-colonialismo», «protecção» e até chegam a usar palavra sagrada que é «nacionalismo»; mas nós sabemos, e até por experiência própria, o que valem essas palavras e essas ideias quando se não baseiam numa estrutura de sólida moralidade. São pura e simplesmente uma traição!

O outro caminho, pelo contrário, é árduo, difícil, ingrato, exigindo sacrifícios e abnegações e consiste em opor uma resistência formal a tais ideologias; mas é o único caminho seguro para um futuro melhor, que há-de vir como justa compensação para quem souber sacrificar-se!

Rapazes! Escolhei o vosso caminho em perfeita consciência.

Rapazes! Preparai o vosso Futuro — preparando-vos a vós mesmos!

É este o meu apelo, nesta hora de angústia da nossa Pátria!»

Herói da India Portuguesa

Alberto Santiago de Carvalho

Já nos números anteriores nos referimos, em breves linhas, à figura de português e de soldado do Tenente Santiago de Carvalho que, na nossa terra de Damão soube continuar pelo seu comportamento digníssimo e exemplar os feitos de todos aqueles que em mais de 400 anos tornaram honrado e temido o nome de Portugal na India.

Queremos hoje prestar-lhe a última homenagem, lembrando mais uma vez com orgulho e comoção o seu nome e arquivando nas nossas colunas a sua última carta dirigida a uma pessoa de família.

Nessas linhas, em que o amor aos entes queridos e o da Pátria se confundem numa só, temos todo o espelho da sua alma de leal português e bom beirão.

Já a Câmara Municipal da Covilhã lhe dedicou a mais honrosa das homenagens deliberando que se desse a uma rua da Cidade, o seu nome e se erguesse numa Praça um busto a este herói, filho deste Concelho.

A M. P. tem no Tenente Santiago de Carvalho um exemplo a seguir; imitando o pode ter a certeza que segue alguém que, pelo sacrifício supremo da vida, escreveu mais uma página de glória na India Portuguesa.

Mas muito mais do que poderemos dizer, dizem as palavras que respeitosamente vamos publicar.

Muito querido e inesquecível P.e José:

Penaliza-me bastante, custa-me mesmo muito não poder escrever-te como antes, dizendo que tudo vai bem, que nada há de novo. Esse era e seria o meu maior prazer, sabendo de antemão que, com essas notícias, levava a tranquilidade, e bem estar, mesmo a felicidade, até junto de vós. Mas a realidade é diferente e, perante ela, não pode haver evasivas, desejos. É a realidade, a vida!

Pois bem, querido P.e José, eu quero informar-te com inteira verdade, com toda a sinceridade. Assim estou certo, tu conseguirás como homem e como Padre adaptá-la às sucessivas, possíveis situações. Isso ainda que muito duramente, vá ferir o teu coração, tão amigo de irmão dedicadíssimo e estremoso, impõe-se.

Dum momento para outro, aguarda-se a invasão dos nossos territórios da India Portuguesa. Trata-se de uma luta tão desigual, não é difícil prever o resultado, tendo como certo que, a menos que por negociações do Governo isso nos fosse imposto — hipótese que não admitimos—lutaremos até ao fim. Portanto há que admitir todas as hipóteses, sendo a mais provável a que mais custará ao vosso coração. Quero pois preparar-te desde já para depois poderes preparar quem, não porque o sinta mais que tu, mais dificilmente suportará o que, eu sei constituirá tão duro golpe.

Quero também levar-vos a certeza de que não mancharei pela incoerência da cobardia o nome da família e que podereis recordar-me e falar de mim de cabeça erguida e, a Deus praza, com orgulho.

Mais vos quero afirmar — e nunca falei com tanta sinceridade — que estareis bem presentes no meu coração até ao último palpitar. Será a vossa lembrança, a vossa presença tão querida no meu coração que, acompanhando-me sempre, me insuflará a força suficiente para morrer no campo da honra, com honra e pelas honrosas tradições duma Pátria muito querida — o nosso Portugal. Não somos os primeiros a fazê-lo. Outros seguirão o nosso exemplo e assim Portugal será eterno.

Dizer-vos as imensas saudades que sinto de todos vós — a nossa tão querida mãe, tu, querido P.e Zé, a querida «Ção», enfim todos os irmãos, cunhados, sobrinhos, tios e todas as pessoas amigas — do desejo imenso de, num último e sentido abraço; a todos estreitar no meu coração, será difícil, desnecessário, muito penoso. Fiquem-vos a certeza de que esse amplexo será dado em espírito, pelo coração. E se o meu coração deixar de bater, continuará em mim a certeza de que o vosso nunca me esquecerá. A Deus praza e a Deus, peço, possais recordar-me sempre com saudade e com orgulho.

Espero confessar-me. Se o não fizer, pedi a Deus para que não me desampare e que, a este desejo, dê todo o valor.

Termino, feliz e confiante, expressando a certeza de que «se da lei da morte não me libertar» no pensamento da Pátria, que defenderei até ao último suspiro, ter-me-ei libertado dessa lei no pensamento e no coração de todos vós.

Muitos e afectuosos beijos, cheios de amor e de gratidão e de saudades para a nossa querida mãe, «Ção» e restantes irmãos, com os votos ardentes e as preces mais fervorosas pela vossa felicidade. De ti, muito querido e inesquecível P.e Zé, despeço-me com um muito afectuoso e extremoso abraço e o desejo de que não me esqueças nas tuas orações. Com o amor de irmão e a humildade de cristão, peço a tua bênção.

Damão, 12 de Dezembro de 1961.

Alberto.

Chefe de Serviços de Instrução Geral

Pela ordem de serviço n.º 9 do Comissariado Nacional foi colocado na divisão de Castelo Branco como Chefe de Serviços de Instrução Geral o Major José Guardado Moreira.

A posse foi-lhe conferida pelo Delegado Distrital no dia 19 de Fevereiro.

Assistiram ao acto de posse Dirigentes da Ala de Castelo Branco e uma representação do C. E. 2 da Covilhã composta pelo Director e Comandante de Instrução, respectivamente A.Q.G. Dr. Leite de Castro e C.C. José Alberto Rolão Bernardo que estavam acompanhados pelo Instrutor de Tiro deste Centro, Dr. Alberto Martins da Fonseca.

Depois de o Dr. Catanas Diogo ter saudado o novo Chefe de Serviços e enaltecido as suas qualidades de militar e dedicação desde os bancos da escola à causa da M. P., falou o Major Moreira que em breves palavras agradeceu as referências do Delegado Distrital e se colocou inteiramente ao seu dispor prometendo-lhe a maior e mais leal colaboração.

«Chama» cumprimenta o novo

Chefe de Serviços desejando a Sua Excelência as maiores felicidades no desempenho do seu alto cargo.

CENTRO ESCOLAR N.º 1

Foi nomeado Assistente do Quadro Geral e colocado no C. E. 1 desta ala como Adjunto do seu Director o Dr. Cândido Antunes Baptista.

Há muito que o tínhamos entre os nossos bons amigos, desde o tempo em que seu irmão o C. G. Joaquim Baptista, primeiro comandante deste Centro, frequentava o nosso Liceu. Conhecemos, por isso, as suas altas qualidades que muito justamente apreciamos e dele farão um bom dirigente.

«Chama» felicita o A.Q.G. Cândido Baptista a quem muito sinceramente cumprimenta.

RUMO AO CAMPO

Fiéis ao espírito que nos levou à criação desta rubrica, vamos hoje iniciar um ciclo de lições sobre os assuntos relacionados com a vida ao ar livre e um noticiário sobre as várias actividades em organização ou organizadas para um melhor aperfeiçoamento da juventude por meio do rumo ao campo.

Entende-se por Campismo a vida ao ar livre, com carácter desportivo, sob abrigo desmontável e portátil, mas organizada de actividades. Resumindo, Campismo é a arte de viver feliz ao ar livre.

Para a prática do Campismo, temos a considerar os seguintes factores:

DISPOSIÇÃO

Sem disposição e força de vontade para tal empreendimento, não serão os restantes factores que farão com que a empresa resulte satisfatória. É preciso aprender a amar a vida em pleno seio da Natureza, a amar o próximo, a apreciar o belo e a deleitar-mo-nos com o silêncio e espectáculo da noite.

TEMPO

Quanto ao facto tempo, temos que ter em atenção, não só a duração como as condições em que a actividade é efectuada, tais como, clima, local e actividades a realizar conjuntamente.

Quanto à sua duração, consideramos o Campismo como:

- **FIXO**
  - Férias — Quando se destina ao repouso
  - Trabalho — Quando se destina a uma actividade cultural (Campo de Trabalho)
  - Desportivo — Quando se destina à prática de um conjunto de actividades desportivas
- **VOLANTE**
  - Fim de semana — Quando tem como duração este período de tempo
  - Turismo — Quando se destina à prática do Turismo
  - Desportivo — Quando se destina à prática de uma actividade desportiva

Disposição — Lá vamos cantando e rindo...

MATERIAL

No que diz respeito a este factor, passaremos a referir o material essencial e as condições a que o mesmo obedece dentro das normas exigidas para com a actividade a realizar.

Para a prática desta actividade, consideram-se duas espécies de material. Pesado, que se destina à prática do Campismo fixo e Ligeiro que se destina à prática do Campismo volante, em virtude do seu poder de acomodação e transporte.

Como na Organização da M.P. o Campismo é realizado tendo como base a Quina e geralmente de pouca duração ,interessa mais referir o material ligeiro, embora se refira algum material pesado, quando as circunstâncias o exigirem.

- **MATERIAL**
  - Individual
    - Saco alpino
    - Cantil
    - Bornal
    - Saco cama
  - Colectivo (de quina)
    - Tenda
    - Pá
    - Picareta
    - Machado
    - Lanterna
    - Caixa farmácia
    - Cantina
    - Balde de lona
  - Colectivo (de castelo)
    - Tenda Egípcia

TENDA

Sendo a tenda a peça mais complexa de todo o material do Campista a ela passamos a referir-nos, atendendo não só à sua nomenclatura como também à quantidade de modelos que existem no mercado.

Material — Homem desprevenido...

- **TENDAS**
  - Ligeiras
    - Canadianas
    - Piramidais
    - Cónicas
  - Pesadas
    - Egípcias
    - Auto
    - Familiar

Dentro do grupo das canadianas ainda há a considerar:

- **CANADIANAS**
  - Canadiana simples
  - Canadiana com ábide
  - Semi canadiana com ábside
  - Boné de polícia
  - Lagarto com ou sem paredes.

Tempo — Favorável, ou não, insistimos

Como acabámos de verificar há diverso tipos de tendas, e, de todas, difícil será à primeira vista afirmar qual a melhor, a não ser depois de uma longa prática com a qual acabamos por ter uma preferência, pois todas elas são boas, se atendermos às condições essenciais que são:

- Comodidade de arrumação
- Boa ventilação
- Resistência à chuva ou humidade (não confundir com impermeabilização)
- Solidez de construção

Como a tenda canadiana é a de uso mais corrente e por nós adoptada, passaremos a estudar a sua nomenclatura de maneira a assimilar tudo o que a ela diz respeito.

Numa tenda canadiana há a considerar:

(1) Águas (2) Paredes ou saias (3) Porta (4) Mastros, prumos ou suportes tripartidos (5) Pano de chão (6) Espias de topo e laterais (7) Estacas de interior e exterior (8) Cursor (9) Flexa (10) Abas ou fraldas.

B.

MACAU — FAROL DA LUZ DE CRISTO NO EXTREMO ORIENTE

MACAU — Procissão de Nossa Senhora de Fátima em 13 de Maio

MACAU, MARAVILHOSO CENTRO DE IRRADIAÇÃO CRISTÃ NO EXTREMO ORIENTE

A esperançosa Mocidade Portuguesa do C. E. 2 da Covilhã, conhecedora do lugar que a juventude ocupa no coração do seu bispo, pede-lhe algumas palavras sobre a diocese de Macau, para serem publicadas no número especial da «CHAMA», destinado a comemorar jubilosa data.

Não podia o bispo-missionário que, durante alguns anos, viveu na «Cidade do Santo Nome de Deus de Macau», partilhando intensamente as suas alegrias e tristezas, cerrar os ouvidos a um pedido inspirado no desejo de homenagear os nossos lídimos heróis da dilatação da Fé e do Império e de, na recordação dos seus gloriosos feitos, atear nos corações dos nossos jovens a chama do amor a Deus e à Pátria, a quem se deve, em recuados tempos, a exaltação do génio luso.

Afirmei algures que de Macau, desse maravilhoso centro de irradiação cristã no Extremo Oriente, só de joelhos se deveria falar. Assente em solo regado com o sangue de mártires e beijada continuamente pelas águas vindas da ilha de Sanchoão com as bênçãos de S. Francisco Xavier, cabe-lhe a insigne honra de terem saído do seu seio os inúmeros e abnegados «evangelizadores da paz» que levaram o nome de Cristo, em primeira mão, ao interior da China, ao Japão e a todos os países do Levante, onde, em curto espaço de tempo, surgiram florescentes dioceses.

A história da civilização dos povos da Ásia ficará incompleta se nela se omitir pormenor zada referência à cidade de Macau. Foi pensando nisto que Raul Follereau, o grande apóstolo da libertação dos leprosos, referindo-se à mais preciosa e minúscula das nossas províncias ultramarinas, afirmou ser ela orgulho do Cristianismo e uma das últimas esperanças do mundo.

O ano de 1498 foi de grande alvoroço para o mundo do Ocidente e de incontido júbilo para Portugal. Frágeis caravelas, ostentando no alto dos mastros a rubra cruz de Cristo, numa luta tenaz contra a fúria das ondas, haviam convertido em realidade o sonho dourado de, através de imensos mares, abrir caminho de ligação entre Lisboa e a Índia.

Com a chegada das nossas naus ao principal centro de abastecimento dos Árabes, vacilara nos seus fundamentos o poderio muçulmano. Mas um tão audacioso feito não conseguia pôr termo à ânsia heróica de expansão que galvanizava os nossos navegantes. A bem dizer, principiava agora a maior epopeia cristã de toda a história da Igreja, levada a bom termo à custa de indizíveis sacrifícios e da vida de muitos heróis e santos, sepultados, em grande parte, na imensa sepultura dos oceanos.

Afonso de Albuquerque, depois de sucessivas e retumbantes vitórias na Índia, percebera que os fanáticos sequazes do Corão dispunham de copiosa riqueza em outros centros vitais situados ainda mais para o oriente. A sua vontade de têmpera de aço, posta heròicamente ao serviço duma causa sagrada, não podia compadecer-se com tal situação de privilégio para a moirama; urgia pôr-lhe termo. E assim, em obediência a um plano cuidadosamente traçado, no dia do Apóstolo Santiago do ano de 1511, a «opulenta» Malaca, escondida nas dobras dos estreitos da Malásia, caía em poder do grande Capitão português, após sangrenta luta. Quem poderia prever, nessa hora de triunfo tão duramente alcançado, que, à distância de mais de quatro séculos e meio, nós, os Portugueses, só poderíamos calcar aquela terra sagrada com os olhos marejados de lágrimas, vendo nela uma das nossas maiores glórias.

Missa Campal junto à igreja da Madre de Deus (ruínas de S. Paulo)

FAZEI MUITA CRISTANDADE

Afonso de Albuquerque, o invencível capitão, ao levantar ali os muros da maior das nossas fortalezas no Oriente — a Famosa — para guardar nela, em lugar proeminente, a Igreja de Nossa Senhora da Anunciada, quisera revelar e perpetuar o segredo da vitória alcançada: fé viva e confiança ilimitada na poderosa Mãe de Deus.

Não importa que a fúria louca dos ambiciosos inimigos de Portugal nos tenha legado apenas ruínas, aparentemente insignificantes, destes preciosos monumentos. Algumas pedras, restos de colunas, desmantelados muros de igrejas, etc., bastam para provocar lágrimas de emoção, documentar a nossa sublime missão de cruzados da Fé e para explicar a presença destes outros monumentos vivos — os cristãos descendentes de portugueses — que, embora privados há mais de três séculos da sombra da Bandeira das Cinco Quinas, cantam, rezam e falam na nossa língua — o *cristão*...

A criação da diocese de Malaca, em 1557, apenas 46 anos após a conquista da cidade, é prova eloquente do apreço em que a Santa Sé tinha o trabalho apostólico dos nossos abnegados missionários, a quem se devia já o ingresso na verdadeira Igreja de mais de 300 000 almas e ainda a construção de vários templos e mosteiros.

À semelhança do Divino Mestre, os cruzados lusitanos outra coisa não desejavam senão inflamar todas as almas no fogo que abrasava o seu peito. Contemplando a curta distância o Sião, decidem-se a ir bater às suas portas. Rama Tibordi II, seu rei, recebe de braços abertos Duarte Fernandes, enviado oficial de Albuquerque, que leva como credenciais uma expressiva mensagem e graciosa espada, guarnecida de esmalte e ouro. Este afável acolhimento foi selado, em 1516, com a assinatura de um *Tratado de Amizade e Comércio* e com a concessão de todas as facilidades para a evangelização do reino. Deste modo, não tardou o levantamento, em Aiutia, de belas igrejas, a atestar os frutos do labor apostólico de Portugal e a acção da graça nas almas dos filhos daquela promissora nação. Reduzida a cidade de Aiutia a um montão de ruínas, traça-se o plano da nova capital — Bangkok — em que não é esquecida a implantação de templos católicos, com as dependências requeridas para o bom êxito do apostolado. Da execução desse arrojado plano, surgem as Igrejas portuguesas de Santa Cruz e de Nossa Senhora do Rosário que, profundamente emocionados, ainda hoje admiramos pela elegância das linhas e seu alto significado.

Mas apóstolos de tal têmpera não podiam quedar-se nestas paragens, sabendo que multidões incontáveis de irmãos seus viviam ali ao lado, sem conhecerem o Mistério da Redenção operada por Cristo. O Celeste Império, avaramente abraçado à milenária civilização de Confúcio, prende agora a atenção dos «mensageiros da paz», pois tudo parecia indicar que os planos da Divina Providência se mostravam mais que nunca favoráveis à realização da palavra de ordem da nossa Corte: «Fazei muita Cristandade».

O entusiasmo e simpatia com que um punhado de chineses ancorados nas imediações de Malaca haviam acompanhado o intrépido feito dos conquistadores da cidade, que ao génio bélico aliavam invulgar afabilidade de trato; o amigável convívio estabelecido entre eles e os destemidos portugueses, após a derrocada de tão importante baluarte do maometismo; os preciosos conhecimentos sobre a China e suas gentes obtidos nesse convívio, proporcionaram aos nossos navegantes ocasião oportuna para avançarem até às costas do tão grande como misterioso Império.

Jorge Álvares estabelece amigáveis relações económicas com os Chineses logo em 1513 e, quatro anos mais tarde, Fernão Peres de Andrade é recebido com manifestas provas de simpatia pelas autoridades de Cantão.

Destes contactos, foram nascendo sucessivas feitorias portuguesas, de efémera duração, nas costas da China. À quinta destas feitorias, estaria reservada melhor sorte. Surgira ela na extremidade duma estreita península, beijada pelas águas turvas do rio das Pérolas. Ali existia — reza a tradição — um célebre templo (hoje Pagode da Barra) dedicado à deusa *Nèong-Má*, a quem se atribuíam feitos verdadeiramente miraculosos, em benefício dos negociantes da vizinha Fuquien. Assim se explica a grande afluência de peregrinos a este lugar sagrado conhecido pelo nome de *A-Ma-Kao*, derivado de *A-Ma* (diminuitivo de *Neong-Ma*) e a veneração de que ele estava cercado.

CIDADE EMINENTEMENTE PORTUGUESA

O estabelecimento definitivo dos pioneiros portugueses em Macau, fixado no ano de 1557, proporcionou à história da nossa maravilhosa epopeia ultramarina muitas páginas de ouro de fino quilate. A cidade de Macau, velhinha de quatro séculos, mantém os encantos da sua perene juventude, rica de peculiares características que a denunciam a todo o observador atento como cidade eminentemente portuguesa. E isto não tanto pelo estilo singular do seu casario como pelo espírito que a anima, esse espírito que a levou a abraçar-se de tal modo à Bandeira das Quinas, que lhe cabe a insigne honra de ser a única das nossas Províncias Ultramarinas onde ela nunca deixou de tremular desde que foi levantada, pela vez primeira, nos mastros das suas fortalezas.

Compreende-se assim o elegante e honroso gesto do Rei Restaurador, que, lembrando os rasgos de bravura dos habitantes de Macau na defesa da nossa bandeira, ordenou fosse colocada no edifício do Senado (antiga sede do Governo) a seguinte inscrição: «CIDADE DO NOME DE DEUS, NÃO HÁ OUTRA MAIS LEAL».

Levantámos em pitoresca colina o farol da Guia, o primeiro que no Extremo Oriente, apontou o caminho seguro aos navegantes que sulcavam as águas, agora abençoadas pela cruz de Cristo. Mas ninguém ignora que, ao lado deste farol, colocámos outro mais luminoso, símbolo e fonte da *luz verdadeira* que espalhámos a jorros por todo o mundo oriental: a Ermida de Nossa Senhora da Guia. O selo autêntico de que Macau é terra portuguesa encontramo-lo nas alvas capelinhas dedicadas à Virgem, levantadas no cimo de verdejantes colinas; nos artísticos e vetustos templos espalhados pela cidade, sobrelevando-os a todos, em arte e imponência arquitectónica, a monumental fachada da Igreja da Madre de Deus (Ruínas de S. Paulo); os inúmeros infantários e dispensários disseminados pela Província e as bem apetrechadas casas de educação e ensino, frequentadas por mais de 25 000 alunos.

MALACA — ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Anunciada

D. Melchior Carneiro, o primeiro e grande bispo da Diocese, erecta em 23 de Janeiro de 1567, com sede em Macau e abrangendo a China, o Japão e todos os reinos e ilhas limítrofes, deixou bem documentadas as características da nossa missão evangelizadora quando, entre outras instituições de caridade, fundou a Misericórdia, o Hospital de S. Rafael com um anexo para leprosos, e o Hospital de S. Lázaro. Desde então até aos nossos dias, Macau foi sempre a cidade-refúgio de todos os perseguidos, uma mansão de paz onde o necessitado recebe conforto espiritual e alimento do corpo, um extraordinário centro de irradiação do Cristianismo no Extremo Oriente, sem paralelo na história da Igreja.

Baptismo em S. José de Singapura

CAMINHO, VERDADE E VIDA

Estes apontamentos que escrevi para vós, jovens filiados da M.P., outro fim não têm senão o de atear em vosso coração a chama do amor às virtudes que fizeram do nosso minúsculo Portugal a maior das nações, e de Macau uma cidade maravilhosa, onde se abraçam, em amoroso e misterioso amplexo, duas civilizações bem distintas. Macau é grande não pelos seus 16 quilómetros quadrados de área (6 na cidade e 10 nas ilhas), mas pela prodigiosa influência que exerceu no espírito dos povos vizinhos, difundindo neles heròicamente a Doutrina de Cristo, corroborada pela prática da caridade sobrenatural. Nas línguas e nos costumes da Malásia e da Indonésia, da China e do Japão, da Tailândia e do Vietnam, encontramos bem viva a presença de Portugal.

A diocese de Macau ainda hoje tem sob a sua jurisdição 27 000 quilómetros quadrados de território dentro da China (Missão de Shiu-hing) e as Missões de S. José, em Singapura, e de S. Pedro, em Malaca.

Embora a bandeira portuguesa não flutue nos edifícios públicos das terras abrangidas por estas missões, muito se ama ali Portugal, o país que, pelo apostólico missionário, lhes deu a conhecer Cristo—Caminho, Verdade e Vida.

A força bruta das armas poderá expulsar-nos de terras nossas; dificilmente nos expulsará dos espíritos e dos corações que enriquecemos com os tesouros sobrenaturais do Evangelho.

Guarda, 26 de Fevereiro de 1962.

† *Policarpo, Bispo da Guarda*

Uma lição de patriotismo

Maria Stela Cardoso

Havia há já bastante tempo numa terra de Portugal uma família constituída pelos pais e por um filhinho chamado Rui.

O Rui gostava imenso de histórias, mas embora fosse muito pequeno apreciava principalmente as que tinham um fundo patriótico.

Uma vez a mãe contou-lhe a seguinte:

— Era uma vez uma família de pescadores muito valentes, que um dia, como de costume foram para o mar ganhar a vida. Ao chegarem a casa encontraram-na ocupada por ladrões. Imediatamente começaram a lutar, para reaverem o que lhes pertencia. Finalmente conseguiram e, novamente tornaram a entrar naquela casa que tanto trabalho lhes tinha dado a edificar.

A mãe continuou:

— A família de pescadores representa Portugal. A luta que os pescadores travaram com os ladrões representa o dever que todos temos em defender a Pátria dos inimigos, até mesmo à custa da própria vida.

O tempo passou e o Rui cresceu. Foi para a Academia Militar. Quando acabou o curso era um oficial garboso que ansiava por dar uma prova do seu amor pela Pátria. Começou, pouco tempo depois o lamentável caso de Angola. Rui foi um dos primeiros oficiais a embarcarem para lá. Ia satisfeito — tinha chegado a oportunidade de mostrar o seu amor à Pátria.

No momento da despedida a mãe disse-lhe:

— Rui, meu filho, não te esqueças daquela história que te contei há tanto tempo. Se for preciso, morre pela Pátria.

Em Angola o tenente Rui tornou-se notado pela sua valentia. Uma noite, quando o comandante pediu um voluntário para uma missão arriscadíssima, Rui ofereceu-se. Foi, mas não voltou. Ficou para sempre no capim traiçoeiro, onde os terroristas o tinham morto.

Juventude! Se algum dia vos puderdes sacrificar pela Pátria não hesiteis. Lembrai-vos de todos os heróis que têm morrido e, com um sorriso nos lábios, oferecei a vida em seu holocausto.

AMOR FILIAL

Uma casita. Pobre? Sim, bastante pobre. Nela vivem uma mulher viúva e seu filhinho de 4 anos.

A mãe trabalha de manhã à noite. Um dia faz um recado a esta

senhora, outro carrega as malas duma outra, lava a roupa, trabalha como mulher a dias, enfim, faz tudo o que está ao seu alcance para conseguir arranjar o pão nosso de cada dia. Muitas vezes só para o filhinho o consegue e ela, cada vez mais fraca, menos forças tem para trabalhar. Apesar disto, tudo sacrifica pelo seu querido filho, tudo o que possui no mundo. A coisa mais dolorosa para ela é ouvi-lo dizer que tem fome e não ter nada que lhe dar de comer. Mas lá se vai arranjando.

Mas, um dia ao chegar a casa encontra o pequenito a chorar e espernear, levando a mão à boca. Tem dor de dentes. Sacrifica-se logo, levando-o a um dentista, pois ele não se cala por mais que ela o tente acalmar. No dentista não deixa o médico tirar o dente que lhe doi, pois não pára de espernear e gritar. Mas, o médico muito paciente diz que se ele estiver um bocadinho calado e quieto, ele tirar-lhe-ia a dor e depois dava-lhe cinco escudos para comprar rebuçados. O miúdo ao ouvir isto e ao ver já o grande monte de bombons deixa o médico agir. Ouve-se um grito, mas mais nada. Já não doi.

Comprou os rebuçados, comeu-os, deu alguns a sua mãe, e tudo passou e esqueceu.

Mas eis que algum tempo depois, naquela mesma casa se ouve chorar. Agora já não é o petiz, é sua mãe. O filho não sabendo que fazer pergunta-lhe o que tem e, como esta não responde, começa tam-

(Continua na 13.ª página)

INICIAÇÃO LITERÁRIA

Curiosidade feminina

Conto de M. Manuela Moura e Silva

Sempre se diz que as mulheres são muito curiosas e bisbilhoteiras, embora haja nisso um pouco de exagero.

Conta-se uma história acerca da curiosidade feminina e que explica a razão por que as freiras não confessam.

Assim é a lenda:

Maria, sobrinha do Bispo de certa diocese entrou para o mosteiro e tornou-se tão caridosa, boa e simpática que, em breve, foi elevada a Abadessa. Tudo corria melhor no mosteiro desde que Maria assumira tão elevado cargo. Só o demo não andava satisfeito com o desenrolar das coisas e foi metendo na cabeça da Abadessa que ainda lhe faltava uma coisa para que tudo pudesse correr melhor: confessar as outras madres, pois assim as conheceria melhor e melhor as poderia dirigir espiritualmente.

Para isso precisava ela de licença e lembrou-se de pedir ao seu tio Bispo. Este não consentiu, mas, depois de tantos rogos, quis pô-la à prova, e disse-lhe um dia:

— Concedo-te o que me pedes, mas mediante uma condição.

A Abadessa ficou toda contente e apressou-se a perguntar qual era a condição, ao que seu tio respondeu:

— Basta guardares um segredo durante oito dias. Se assim o conseguires, confessarás.

Ela não ficou nada preocupada e julgou conseguir o que o tio lhe pedia, mas enganou-se. O segredo era simples: guardar uma caixinha da qual era depositária da chave e não a abrir durante esse espaço de tempo.

Nos primeiros dias passava por ela, mirava-a, remirava-a, mas não a abria. A curiosidade ia-se despertando nela, pois da caixa saía um ruído que ela não descobria que motivo tivesse. Começou então a pensar e a dizer para consigo que se abrisse a caixa, seu tio não o viria a saber e ao quinto dia não podendo refrear mais a sua curiosidade, abriu-a. Ouviu-se um grito da Abadessa.

Não descobrem a razão?

É que da caixinha saiu um rato que se meteu no primeiro buraco que encontrou. A Abadessa ficou muito atrapalhada, porque este não era um rato vulgar, que se pudesse confundir com outros, pois tinha uma orelha fanada.

Chegou o oitavo dia e veio o tio saber do resultado da experiência e pela cara triste da sobrinha, viu que não tinha conseguido conservar a caixa fechada. Limitou-se a dizer-lhe: — O segredo duma mulher é coisa impossível e por isso não podem confessar.

SONETO

O que é que faz lembrar com grã tristeza
Aqueles tempos da nossa juventude
Quando eramos felizes e a beleza
Estava em toda a sua plenitude?!

O que é que faz chorar com amargura
A memória d'algum ente querido?!
O que é que faz sentir uma ternura
P'lo tempo já passado e vivido?!

É tão bom uma pessoa recordar
É belo uma pessoa inda amar
Aqueles tempos da nossa mocidade.

Esse nume que aviva os sentimentos
E nos concede belos pensamentos
É a palavra única — *Saudade!...*

A.C.C. António Pedroso

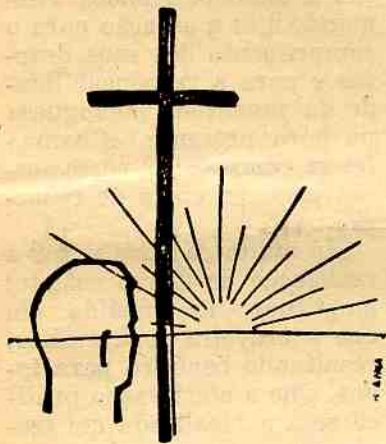
16-2-1962

Bem-vinda seja a L.I.A.M.

Esta frase, não a ouvi tal qual. Ponho-a, no entanto, a encimar estas linhas, porque, sem dúvida ela traduz fielmente a atitude do corpo docente e discente do Liceu da Covilhã perante a iniciativa da instituição dum núcleo da Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM) neste estabelecimento de ensino.

Sensibilizaram-me deveras as atenções e a colaboração do Ex.mo Reitor, dos Rev. Padres Professores de Religião e Moral e Dr. Leite de Castro, exemplo de abnegação em prol da juventude escolar. Bem hajam!

Escreveu Pio XII em 1940: «Que português — digno deste nome — não quererá fazer quanto estiver na sua mão para conservar sempre vivo o (espírito missionário) que forma não só uma das mais belas glórias, senão também um dos maiores interesses da sua Pátria?»

Repetiu-o, ùltimamente, o *Episcopado Português:* «Quiséramos ver a juventude sempre a cantar, de olhos iluminados; juventude pura, forte, alegre, ao serviço dos belos ideais, pelos quais é belo

morrer; na vanguarda do Portugal que desponta para a sua missão de agora: *renovar o País, acrescentando-o, e fazer florir no Ultramar a civilização cristã.*»

E agora, a voz da própria Nação:

«As Missões Católicas são o mais poderoso elemento nacionalizador e civilizador posto ao serviço da Nação». ARMINDO MONTEIRO.

«Não basta ser país missionário por tradição. É necessário que o número sempre crescente de *vocações missionárias portuguesas* documente esta atitude nacional...

A obra missionária importa a mobilização dos fiéis, designadamente a existência de um *laicado missionário português* generoso e dedicado.» ADRIANO MOREIRA.

Falou a Igreja. Falou a Pátria.

Ser missionário, ajudar as Missões é, indubitàvelmente, o índice mais iniludível de uma vitalidade cristã e de um «portuguesismo» autênticos.

Ora a Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM), segundo rezam os Estatutos, *promove a formação da consciência missionária em Portugal.*

Compreendendo isto, o Liceu da Covilhã fundou um núcleo liamista, ao qual foi dado por patrono o Beatro Francisco Alvares, missionário e mártir covilhanense do século XVI.

Passo a palavra ao *João Manoel Martinho*, Presidente do núcleo.

«A fundação deste núcleo despertou em todos os alunos e alunas do nosso Liceu o maior entusiasmo, *esperando-se que esse entusiasmo inicial não esmoreça com o tempo e bem pelo contrário, aumente e dê salutares frutos*».

O João Manoel diz bem. É de esperar que o entusiasmo inicial não esmoreça. Antes, há-de aumentar e frutificar.

Agora mesmo li em «CHAMA» de 20 de Dezembro de 1961 palavras do José Alberto Rolão Bernardo que bem fundamentam esta minha esperança:

«Os cargos da M. P., longe de serem lugares de honra, são antes de tudo posições avançadas da dura e ingrata batalha de *Servir*.

Recusar quando chamados ao desempenho duma missão, não é modéstia, é comodismo, para não dizer mesmo traição ao espírito de *Sacrifício* que nos deve nortear em todas as acções.»

Como o filiado da M. P., e mais ainda do que ele, o LIAMISTA sacrificará aos interesses das Missões quaisquer vantagens pessoais. A sua divisa, como a de Jesus, o Missionário Supremo, é *«servir e não ser servido»*.

Animado deste espírito autênticamente missionário, o núcleo liamista do Beato Francisco Alvares não se deixará abater por obstáculo algum.

BEM-VINDA SEJA A L.I.A.M. É a nossa saudação.

CRESCAT! CRESÇA o ardor missionário da juventude liceal covilhanense!

FLOREAT! Desabroche em rasgos de generosidade missionária! SEJA FERTIL em sazonados frutos de vocações missionárias decididas!

CRESÇA... FLORESÇA... São os nossos votos.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1962.

P.e António Pereira Rodrigues

Núcleo «Beato Francisco Alvares»

Foi fundado no Liceu da Covilhã um núcleo da Liga Intensificadora da Acção Missionária que tomou por patrono O Mártir Covilhanense Beato Francisco Alvares.

Há muito que a vida das nossas Missões ia despertando um interesse crescente em todos os alunos sobretudo nos filiados dos Centros Escolares da M.P.F. e M.P.

Quando no passado dia 7 o rev. Padre António Pereira Rodrigues se deslocou ao nosso Liceu para fazer despertar um maior e consciente espírito missionário, veio encontrar entre os redactores da «Chama», que como sempre exprime o pensamento do Centro, a melhor boa vontade de colaborar e servir a favor das Missões Católicas portuguesas.

A direcção do núcleo da L.I.A.M. Beato Francisco Alvares, ficou assim constituída:

Presidente — João Manoel d'Oliveira Martinho

Tesoureiro espiritual—Luís Cruz Carneiro

Secretário — António Reis Pedroso

Tesoureiro — Fernando Jorge Ponces de Carvalho

Filatelista — José Hermínio Paulo Rato Rainha.

Para Delegada feminina foi nomeada a nossa colega Maria Manuela Tavares Moura e Silva

Todos nós confiamos na acção e no zelo destes nossos colegas em prol da Acção Missionária tão necessária no Ultramar Português.

1 — UM ACTO DE JUSTIÇA

Sabido é que tão poucas vezes os prémios são bem entregues, na medida em que nos bastidores se trabalha e no palco se recebem os aplausos. Em Lisboa fez-se Justiça e isso foi motivo para muita reflexão. Sim, porque citando-se em Louvor alguém, há que parar e meditar: existe um exemplo a seguir e, portanto a sua análise tem de ser demorada para que os mais pequenos pormenores não escapem — quantas vezes não são eles justificação para tudo —.

Algo há que certamente os satisfaz para cima de tudo quanto o protocolo indica: os seus camaradas, subordinados ou não, reconhecem-nos como pessoa diferente, diferença essa que os coloca acima, e querem-nos como exemplos. A satisfação do Dever cumprido já a tiveram quando a Consciência se pronunciou; a certeza de que valeu a pena adquirem-na pelas reacções do exterior. Verdade seja que o Futuro se torna exigente: são modelos, e não coisa comum; à sua volta mais se espera. Com eles que haja sempre Fé, pois que do resto não necessita quem tão longe chegou.

Permiti-nos, leitores amigos, que nos tornemos concretos. Na Ordem de Serviço número 9 do Comissariado Nacional, louva-se a acção do A.Q.G. Dr. Leite de Castro. A pessoa dispensa apresentações, de todos tão conhecida se tornou; a sua obra, inigualável em todos os sentidos, também é do vosso domínio. A Educação da Juventude é autêntica Missionalização. A ela tem de se entregar tudo, e mais do que aquilo que tem feito a pessoa em causa é impossível.

Perdoe-nos aquele cuja modéstia ferimos. O nosso fim é tentar frutificar exemplos. Portanto amigos, mãos à obra: parem, meditem... e prossigam.

2 — DISCIPLINA

Nestas terras estuda-se a actualização do Regulamento de Disciplina. De há muito se fazia sentir a necessidade de dar a conhecer quais as regras disciplinares que nos guiavam, pois o cáos era grande na medida em que não vigorava uniformidade nem coacção: as opiniões eram dispares e os erros ficavam por castigar — não chegávamos a ter direito consuetodinário e as normas morais tiveram época na Idade Média. O Regulamento antigo já não tinha razão de ser: não admira, pois conhecido é de todos que as normas são consequência do meio e uma vez que a causa mudou nada mais há do que revogá-las. Não conhecemos ainda detalhadamente o que se está a fazer: sabemos que os trabalhos estão adiantados e que os Jovens foram chamados a colaborar. Para nós, de momento, só isto interessa. Conhecida de todos a frase «organização de jovens e para jovens»: a chamada que acima referimos será prenúncio de que a teoria se vai transformar em prática? Connosco os mais fortes desejos de que tal se verifique.

3 — RETORNO A UM PROBLEMA

Recordam-se certamente de termos já abordado nesta «Varanda» o tema das actividades circum-escolares ao nível do ensino secundário. Hoje voltamos a ele: não que seja de agrado, mas que muito se progrediu já.

É certo que quando alguém se entrega de alma e coração a uma tarefa vê os frutos do seu trabalho. A Pró-Associação dos Estudantes de Liceu assim tem feito. De vários pontos do país nos têm chegado notícias da sua actuação: bem perto da Covilhã as influências sentem-se já. Assim, acontece que os Estatutos de tal organização se encontram já prontos e anuncia-se que dentro em breve serão entregues a sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional. Haverá necessidade de comentários? Uma só pergunta: a M. P. já estudou a situação, tendo em conta todas as consequências do movimento que se adivinha?

Ainda não correram muitos dias sobre a passagem do segundo aniversário da fundação de tal movimento. As comemorações não tiveram o brilho planeado consequência da intervenção das autoridades. No entanto houve «vítimas» e é certo que um «mártir» atrai simpatias: não é preciso ir longe, basta pensarmos no Catolicismo. Que se irá passar?

Terminamos como já uma vez o fizemos: temos de estar prontos a lutar, pois os nossos ideais são justos. Estudemos a nossa posição e enfrentemos o adversário, tendo no entanto cuidado com os métodos que iremos usar.

M. G.

...OU JUVENTUDE... OU BUROCRACIA...

pelo C. F. Libertário Viegas

Confeitos de toda a ordem surgem diàriamente nas «manchetes» dos grandes jornais. Mas de todos eles o que mais tinta faz correr nas rotativas parece ser o conflito entre a juventude e os mais velhos. Daí o estafado argumento de que nada há a fazer, pois «a juventude está em crise».

Poucos procuram, porém, saber as causas dessa pressuposta crise e averiguar dos meios eficazes para debelá-la. Não há dúvida de que a tarefa é difícil, tanto mais que a maioria dos mais velhos abdicou de há muito da posição que devia desempenhar junto dos que ascendem para a vida.

Portanto, é muito cómodo, colocar-se na posição do contribuinte exigente, esperando que os organismos juvenis, estatais ou não, resolvam tudo. Cómoda e lorpa, também, pois todos sabemos muito bem que melhor seria não cruzarem os braços, como cruzam, num incompreensível abandono.

Assim, tornam muito mais difícil a tarefa das organizações que, como a nossa, procuram formar a juventude, mas que, indubitàvelmente, só podem levar por diante o seu objectivo com o auxílio da Família, da Igreja e da Escola, de que pretendem ser complementos e não substitutos.

Postas assim as coisas o que há a fazer?

De duas uma: ou cruzamos também os braços, o que não está certo, ou revemos a forma da nossa actuação de maneira a atingir maior percentagem de êxito na acção que nos cabe desenvolver. Aqui reside a finalidade que desde há anos os graduados andam incansàvelmente apontando. Aliás, fundamentam com factos e opiniões diversas, tudo quanto afirmam.

Todavia os seus apelos não são ouvidos e oxalá não venham a sê-lo demasiado tarde. E enquanto isso que acontece?

Sem dúvida, o que era inevitável, os rapazes são atraídos para outros esquemas de actividade bem diferentes dos que seriam aconselháveis. Poderá alguém menos esclarecido (!) induzir aqui que defendo, pura e simplesmente, a sujeição dos rapazes a uma estrutura imposta de fora do seu meio. Como outros amigos saberão, eu defendo a autonomia dos rapazes, mas entendo-a como meio a aproveitar para o bem, para fins elevados, para uma vida plena de significado. Não é, portanto, a autonomia para a asneira o que defendo.

Aquilo a que estamos assistindo neste momento pode sintetizar-se do modo seguinte:

— Os graduados, e não só eles, expuseram já a sua situação da organização e possíveis soluções;

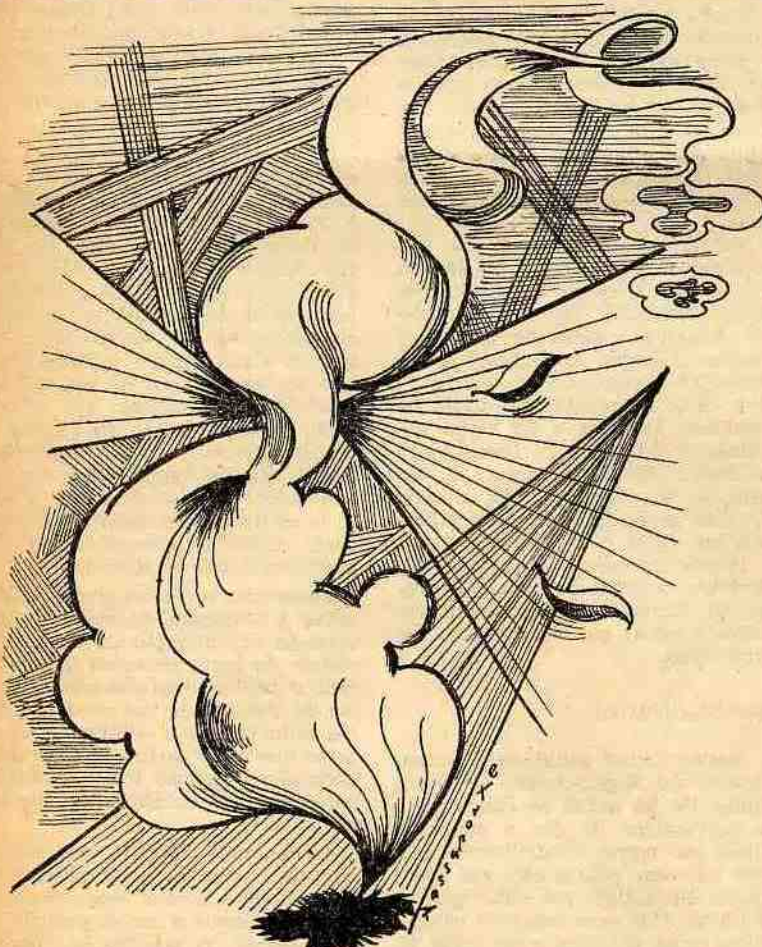
— Todavia não foram as mesmas tomadas na devida conta.

Daqui concluimos que se se não operam as necessárias revisões deve haver uma razão poderosíssima. Atrevemo-nos a tentar descobri-la:

— ou não se sabe interpretar o que dizem os rapazes;

— ou teme-se que realizando as revisões se perderia o controle.

Renunciar aos rapazes e guardar ciosamente o controle não deve adiantar muito (ou adianta?). E renunciar aos rapazes seria renunciar ao objectivo fundamental da Mocidade. Portanto, há que continuar, mas para isso haverá antes que rever as técnicas de acção e, já agora, se não é pedir muito, os quadros, também.

Até me sinto como os Hebreus dizendo a Samuel — «Queremos um chefe que marche à nossa frente e que faça a guerra connosco», como proclamava António Sardinha no seu livro «Ao Ritmo da Ampulheta».

CINZA

O fumo foi-se perdendo
Subindo...
Descendo...
No ar
E tudo se foi sumindo...
O vento tudo a levar...
....
Deste momento cinzento...
Apenas cinza ficou...
— A cinza... esquecimento
Do lume que se apagou

João Borges

Curso de Arvorados «Maciel Chaves»

No dia 29 de Janeiro foi inaugurado na Casa da Mocidade o primeiro Curso de Arvorados ao nível da ala, realizado na Covilhã.

No impedimento do Subdelegado regional, presidiu o Director do C. E. 2 Dr. Abrantes da Cunha. Estiveram presentes todos os instrutores, o Director e o Comandante do Curso.

O Director da Casa da Mocidade cumprimentou os presentes, disse da muita satisfação que tinha pela realização deste curso e ofereceu ao A.Q.G. Dr. Fernando Panarra a sua leal e dedicada colaboração.

Falaram em seguida o A. Q. G. Dr. Fernando Panarra e o C. B. António Diamantino, respectivamente, director e comandante do Curso.

O Dr. Abrantes da Cunha dirigiu no final uma exortação a todos os filiados chamando-lhes a atenção para o cumprimento dos seus deveres e para a responsabilidade da juventude portuguesa na hora presente. «Chama» fez-se representar nesta sessão pelo seu chefe de redacção.

Há muito se fazia notar a realização do Curso com tal amplitude, na medida em que a craveira será melhor, resultando benéfico para todos. Que a efectivação prática seja a idealizada em teoria, são os nossos votos.

Solução das Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 — Livro; 2 — mau; iodo; 3—Ant.; lei; 4—poeta; 6—canários 8—ali; 9—as; 10—trancara; 11—are.

VERTICAIS: 2 — Map; 3 — ano; lar; 4—luteranisar; 6—vi; ali; arca; 7—rol; os; are; 8—ode; és; ré; 9—oi.

MALDITA!

Bendito seja o sol que nos aquece!
Maldito o coração que nos engana!
Bendita a água que se orgulha e ufana
De matar qualquer sede que enlouquece!

Bendita a suavidade duma prece!
Maldita a boca rude, má, profana!
Bendita a força, a crença, a dor humana!
Maldita a Morte que nos adormece!

Maldita a orgia lúbrica, pagã!
Bendita a luz clarinha da manhã
E a pálida luz do entardecer!

Maldita a alma que se esvai, vencida!
Bendito Deus por que me deu vida!
Maldita eu porque a não sei viver.

Maria Amélia Teixeira

FESTA DO PATRONO

É necessário que os mais velhos nos ouçam

— disse o A. C. C. João M. Martinho

Há momentos em que não nos podemos limitar a simples frases formais e se exige que as nossas palavras sejam a definição de uma atitude, a afirmação de um pensamento.

A época presente é uma delas e se nós, os rapazes novos, estamos

Ferreira da Silva no papel de «Diabo»

atentos a toda a orientação que os mais velhos nos possam dar também temos jus a definir, a esclarecer aquilo que queremos e sentimos.

É que quando a Pátria está em perigo, quanto interna ou externamente se erguem contra ela forças tão variadas e dispares, todos os portugueses de lei, independentemente da idade e da posição social são poucos para afirmar a sua fé, a sua confiança, a sua certeza, na continuidade da Nação, na perenidade do povo português.

E é necessário que os mais velhos nos ouçam, a nós, que mais tarde lhes sucederemos, declarar que estamos prontos a continuar a sua obra, a seguir o seu exemplo, a não recuar perante nenhum perigo e sacrifício que nos seja exigido.

Não é sem justificado orgulho que podemos evocar todos aqueles que tenham saído das fileiras da Mocidade já derramaram o seu sangue e deram a sua vida na defesa da integridade nacional.

E anima-me a certeza duma convicção que nada destruirá de que todos os outros que ainda não foram chamados para servir nas forças armadas estão, como os primeiros, prontos a seguir-lhe o exemplo, a honrar-lhes a memória a continuarem a escrever esta tão bela, porque difícil, página da nossa história.

O Concelho da Covilhã pode sentir-se altamente orgulhoso porque um dos seus filhos, o Tenente Santiago de Carvalho, não desmereceu o outro covilhanense que na India do século XVI ensinou em tão remotas paragens até que ponto ia o espírito de sacrifício dos naturais desta terra.

Fernão Penteado, Santiago de Carvalho, dois nomes que bem merecem da Pátria e em que a juventude pode ver altos modelos a seguir.

Do Patrono deste Centro nada direi pois dele e dos seus feitos de glória vai-nos falar o Sr. Dr. Martins da Cruz.

Pela Ordem de Serviço que V. Ex.as acabaram de ouvir, foi louvado o nosso Auxiliar de Instrução José Bordadágua e eu não posso deixar de passar esta oportunidade sem que em nome de todos que trabalham no Centro Escolar n.º 2 lhe agradecer o muito que se tem sacrificado e a verdadeira lição do espírito da M.P. que a todos nos deu ao longo destes anos.

Filiados do Centro Escolar n.º 2:

Esta festa é vossa, foi com o pensamento em vós que a preparámos desde a primeira hora. É necessário que todos a sintam e vivam como verdadeira festa de família, desta família que é o Centro Escolar n.º 2.

António Pedroso recitando «O Decepado»

LOUVOR

Que seja louvado, pela sua dedicação ao Centro, muita competência, espírito de sacrifício raro, onde todos poderão buscar exemplo a seguir, o A. I. José Fernando da Graça Bordadágua a quem se ficaram a dever muitas iniciativas deste Centro Escolar nos últimos anos e nas quais revelou sempre a mais leal colaboração com a Direcção de Instrução.

INICIAÇÃO LITERÁRIA

MÓNICA

conto de Isabel Roseta

Era noite. Há muito que tinha acabado o bulício nesta parte da cidade. As ruas permaneciam desertas e fracamente iluminadas por candeeiros que mais pareciam fantasmas envolvidos como estavam de uma camada de nevoeiro translúcido.

No fundo da rua, vêem-se dois pontos luminosos que se aproximam vertiginosamente e, de repente, ouve-se o ruído ensurdecedor dos travões de um automóvel ao tentar parar junto a uns degraus que dão acesso a uma moradia.

Do automóvel vê-se sair uma rapariguinha que em passos rápidos se encontra a tocar a campainha da casa.

Olhos febris circundados por olheiras profundas, cabelo longo e ondeado apenas seguro com uma fita e de lábios trémulos; mais uma vez faz retinir a campainha sem que obtivesse resposta e, já desiludida, encaminha-se para o carro de cabeça baixa e olhos rasos de lágrimas mas ao tentar entrar nele, a porta da mansão entreabre-se, surgindo no limiar uma senhora de estatura média, de cãs e um pouco curvada.

— Joana, exclama a rapariguinha que dera por que a porta se abrisse.

— Minha menina, em que estado vem, que quer dizer essa maneira de vestir? Onde estão os seus paizinhos? Como se lembrou da velha Joana?

— Espera Joana, agora não posso satisfazer a tua curiosidade e queria falar-te a respeito de minha mãe, mas antes disso venho pedir-te para me acompanhares até à nossa casa.

— Um momento, menina, que eu vou pedir à senhora que me dispense até amanhã do serviço.

— Vai mas não te demores, por Deus te peço.

Já no automóvel, Mónica conta à velha ama o que tinha acontecido.

— E foi assim, Joana, uma catástrofe desde que tu saíste de nossa casa, despedida por meu pai. Um dia, chegou a casa muito doente e, mandou-se chamar o médico mas este, avisou minha mãe de que meu pai poucas horas viveria, o que aconteceu cerca de três horas após a saída do médico. Poucos momentos antes de expirar, meu pai confessou à mãezinha que toda a fortuna tinha sido gasta por ele nas casas de jogar, pediu que lhe perdoasse a miséria em que a deixava.

Quinze dias após a sua morte vieram os credores reclamar o que por direito lhes pertencia e nós, a mãezinha e eu, ficámos apenas com as suas joias, de cujo produto da sua venda temos vivido mas a nossa vida não nos tem sido favorável pois que ainda não consegui uma colocação e, além disso, a mãezinha caiu enferma. Como vês, eu estou muito aflita porque para ir tratar da mãezinha não posso encontrar um emprego onde possa adquirir algum dinheiro porque o nosso já quase desapareceu e, foi então que me lembrei de ir procurar-te à casa donde nos escrevias.

— Minha querida Mónica, o que já sofreu e tão novinha, apenas com dezasseis anos. Quanto à vinda para junto de vós, certamente que virei até porque a senhora vai fazer uma viagem pela Europa e assim, poderei permanecer convosco pelo menos dois meses.

— Vê Joana, a nossa casa é esta. Agora vamos ao quarto da mãezinha. Ainda dorme; como está magra e pálida. Se continua assim, dentro em breve vai para junto do paizinho.

— Bem, menina, para principiar vai tomar um copo de leite muito quentinho e vai deitar-se. Amanhã falaremos sobre o que havemos de fazer, está bem?

Quando à sua mãezinha, não se preocupe porque eu tratarei dela.

Dias depois, Mónica, muito eufórica, corre nas escadas a clamar:

— Joana, Joana, já consegui uma colocação numa casa de modas e, por sinal, não é nada má.

Como passou o dia a mãezinha? Que disse o médico?

— O sr. doutor disse que se a nossa doentinha continuar como até agora, em breve levantar-se-á.

— Ai Joana, se não fosses tu, eu nem sei o que teria sido de nós. Há quinze dias que vives connosco e, além disso tiveste de dispor de parte das tuas economias para nos ajudares.

— Ora, a menina tem cada uma. Não me sustentaram durante dez anos os seus paizinhos? E julga que não notei durante muitas noites a luz do seu quarto acesa, quando estava a fazer traduções e a não ouvi chorar?

— Sabes ama, eu chegava a desanimar porque via que a instrução que meus pais me deram não me servia de nada. Graças a ti ela está a recuperar-se e, espero que no dia do meu décimo sétimo aniversário esteja connosco à mesa. Este era o maior presente que poderia ter pelos meus anos.

AMOR FILIAL

(Continuação da 10.ª página)

bém a chorar. Ela, não o querendo ver assim diz-lhe:

— Se não chorares mais, digo-te uma coisa.

E o petiz concorda. A mãe então diz-lhe:

— Meu filho, hoje tens que ir para a caminha sem ceia.

Ao que ele diz:

— Mas mãezinha, tenho tanta fome!

E a mãe, cada vez mais aflita:

— É Jesus que assim o quere. Ele quere que faças esse sacrifício hoje, meu filho.

É agora a mãe que chora.

Mas de repente os olhos do garoto iluminam-se e diz:

— A mãezinha já não chora? Eu tenho cinco escudos.

A mãe não compreende mas ele continua:

— Lembra-se quando me doeram os dentes a mãe levou-me àquele senhor, e ele disse que dava sempre cinco escudos aos meninos que tiravam um dente. Nós podíamos ir lá. Tirava-me um dente. Doía um bocadinho, mas já poderíamos comer alguma coisa e a mãezinha não chorava mais.

A senhora abraçou-se ao filho, pois viu o que mais lhe interessava: o seu pequenino amava a tanto que era capaz de se sacrificar, só para a não ver chorar.

Maria Manuela T. Moura e Silva

Amigos Honorários do Centro

A Redacção da «Chama» entendeu dever prestar nesta festa do Patrono simples mas sincera homenagem aos «Amigos Honorários» do Centro lembrando aqui os seus nomes que sempre recordamos com muita gratidão.

Conta o nosso Centro três amigos honorários:

Dr. José Ranito Balthazar, Presidente da Câmara Municipal da Covilhã, Dr. Carlos Coelho, Deputado da Nação, e Dr. Alfredo Antunes dos Santos, antigo Director do Centro Escolar n.º 2.

Todos têm dedicado pelo nosso Centro, pelos seus melhoramentos, pelas iniciativas dos nossos filiados, um interesse que nos é grato referir e reconhecer.

O Centro Escolar n.º 2 não esquece o que deve aos seus «Amigos Honorários» e, por isso, ao evocar hoje os seus nomes «Chama» pede a Suas Excelências para aceitarem o obrigado sincero a quem só com a sinceridade com que agradece pode mostrar o seu reconhecimento.

NASCIMENTO COSTA

O C. E. N.º 2 mandou celebrar no passado dia 22 de Janeiro uma missa na Igreja da Misericórdia da Covilhã em que foram sufragadas as almas de João José do Nascimento Costa e as de todos os portugueses que deram a vida pela unidade nacional.

O templo estava cheio de pessoas das mais variadas condições sociais.

O Reverendo Assistente Eclesiástico do Centro antes de iniciar o Santo Sacrifício da Missa proferiu umas breves palavras sobre a sua intenção.

Assistiram o Sr. Presidente da Câmara, o Deputado Dr. Carlos Coelho, o comandante da P.S.P., Tenente António Gaspar, o Comandante da G.N.R., Tenente Esteves Robalo, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Sr. Alexandre Galvão Aibéo, a Subdelegada Regional da M. P. F., Sr.ª D. Judite Fitas da Cunha Martins, o Subdelegado Regional da M.P., Sr. Eng. Ernesto de Campos Melo e Castro, Dr. José Abrantes da Cunha, reitor do Liceu e director do C. E. N.º 2, director da Casa da Mocidade, A.Q.G., Dr. Leite de Castro, etc..

MOVIMENTO

Frequentam o curso Infante D. Fernando os filiados:

Alvaro José Arnaut Nunes Duarte
António Alfredo Marques Guteres Quintela
António Ferreira Ramalho
António Manuel Faria Camarate de Campos
Artur Augusto Nepomuceno Campos
Carlos Alberto Duarte Almeida
Carlos Manuel da Silva Ferreira
Henrique Rosa Pereira dos Santos
Jerónimo Aberto Miranda Salvado
João Augusto de Oliveira Nunes Correia
Jorge Andrade Martins
José António Torgal dos Santos Vaz
José Augusto Saraiva Mendonça
José Manuel Antunes Oliveira
José Manuel Pina Mosa
José Orlando Murota Fonseca
José dos Santos Baptista
Luís Alberto Pires Marques
Mário Ferreira Calado
Vítor Manuel Baptista Forte
Vítor Manuel Morais Coelho Martins
Amílcar António dos Santos Presado Constantino
António José Raposo Pereira
António José da Costa Silva
António de Sousa Aguiar Carrilho
João Pinto Geraldes
José António Cariano dos Reis
José Manuel Tavares Alves
Alexandre Conde Sá Lima
Ilídio da Conceição Filipe
João Fernandes Chendo
António Augusto Cunha Rebelo
António Luís Esteves Gil
Luís Filipe Carreira Rosa
João José de Almeida Carvalho
José Almeida Eusébio
José Gonçalves da Silva

SECÇÃO DE TEATRO

A Secção de Teatro do Centro Escolar n.º 2 foi entregue à direcção do A. I. José da Graça Bordadágua que escolheu para seus colaboradores:

C. C. José Proença Mendes
A. C. C. António Reis Pedroso
C. Q. Carlos Ferreira da Silva
C. Q. Jorge Manuel Teixeira
C. Q. Luís Manuel Sena.

Na peça «O Auto do Bom Pastor» que será representada na festa do Patrono colaborará, ainda, a filiada da M.P.F. Maria Alice Gil de Campos.

REDACÇÃO DO «CHAMA»

Por lapso não referimos entre os redactores da «Chama» indicados

no número anterior o nome da nossa colega Isabel Maria Quintela Roseta, filiada do Centro Escolar n.º 1 da M.P.F.

EQUIPES DESPORTIVAS

No campeonato da Ala do Centro Escolar n.º 2 apresentará as seguintes equipes (efectivos e suplentes):

ANDEBOL

Vanguardistas B

João Manoel de Oliveira Martinho
Jorge Manuel da Conceição Ferreira
José Proença Mendes
José Orlando Pereira Carvalho
Carlos Alberto Rosa Marques
António Gomes Forte
João Baptista dos Santos
António dos Reis Pedroso
José Alberto Rolão Bernardo.

VOLEIBOL

Vanguardistas A

Vítor Manuel Gomes Campos
Carlos Alberto Lázinha Neves
António José Costa Prata
António Manuel Cruz Rodrigues
João Nuno Ferreira Saraiva
António Madeira Antunes
José Hermínio Paulo Rato Rainha.

Vanguardistas B

João Manoel Oliveira Martinho
José Proença Mendes
Jorge Manuel da Conceição Ferreira
Carlos Alberto Rosa Marques
António Gomes Forte
João Baptista dos Santos
José Orlando Pereira de Carvalho

TÉNIS DE MESA

Vanguardistas A

Fernando Jorge Marques Ponces de Carvalho
João Madeira Antunes
António José Ferreira de Almeida.

Vanguardistas B

João Manoel de Oliveira Martinho
João Baptista dos Santos
António Gomes Forte.

Curso de Chefes de Quina

No dia 20 de Janeiro foi inaugurado pelo Director de Centro, Dr. José Abrantes da Cunha o 3.º curso de Chefes de Quina realizado neste C. E. a que foi dado por patrono o «Infante D. Fernando» e por divisa «Heroísmo e sacrifício».

Depois de terem usado da palavra o Director e o Comandante do Curso, respectivamente, Dr. Leite de Castro e C.C. Jorge Ferreira o Dr. José Abrantes da Cunha encerrou a sessão tendo palavras da maior confiança para os instrutores a quem foi entregue a instrução do curso «Infante D. Fernando» e dizendo, ainda, da razão porque se escolheu para patrono a alta figura do «Infante Santo» e por divisa «Heroísmo e sacrifício».

Estiveram presentes o Director-Adjunto da Casa da Mocidade, A.Q.G. Dr. Fernando Panarra, o comandante de Instrução do C. E. n.º 2, todos os graduados e chefes de secção do Centro e representantes dos anteriores cursos de Chefes de Quina de Arvorados em Comandantes de Castelo.

A «Chama» fez-se representar pelo seu redactor A. C.C. António Reis Pedroso.

«MISSÃO»

A Mocidade Portuguesa conta a partir do dia 1 de Fevereiro com mais um jornal intitulado «Missão», dos filiados da Delegação Distrital de Lisboa.

É seu director o nosso antigo graduado e colaborador C. B. Jorge Bruxo que depois de ter servido o C. E. 2 com uma dedicação e interesse raros foi em Castelo Branco, onde cursou o 3.º Ciclo, Comandante da Ala.

Conhecemos bem as qualidades do Jorge e estamos certos que na sua mão o novo jornal saberá cumprir a alta missão que todos dele esperam.

É com a maior alegria que saudamos o aparecimento da «Missão», mais uma prova de vitalidade que anima os nossos rapazes e do entusiasmo que reina nas nossas fileiras.

Felicitamos a Delegação Distrital de Lisboa e abraçamos o nosso amigo Bruxo formulando apenas um voto — que o director da «Missão» se não esqueça que é um dos redactores da Tribuna dos Antigos...

PASSATEMPO

A.³ B.

Caras e casos do último número

(Ver o número 7)

2.ª PÁGINA

No cabeçalho «Rumo ao Campo»

Muito bonito, sim, senhor!

Florzinhas, muitas florzinhas, relva, um lago, etc., etc..

— E aquele «passarão» que estará a ver dentro da tenda?...

A Subdelegada Regional presidiu à distribuição do bodo

Preocupada, parece dizer olhando um «ponto»:

— Ó Martinho, que é que você está a fazer?

(É que ele estava lá... e elas também).

Durante a distribuição do bodo

Pois foi. Foi durante a distribuição do bodo que o Rolão ficou tão bonito — elas que o digam...

Ele está dizendo assim:

— Olha, leitor, é uma prenda p'ra ela.

— O que é?

— Feijões...

E o Camolino lá ao fundo:

— Olaré!

E a menina do lado:

— Ai que horror! Estou tão despenteada!

(Não vale a pena esconder-se; está muito bonita mesmo assim...)

3.ª PÁGINA

Dois de barrete

Diz o da esquerda para o da direita com voz presa pelos soluços:

— Ai Mário, Mário! Eu moedas e tu delas só temos das pequeninas...

4.ª PÁGINA

Soneto

Cheguei à conclusão que também por meio da poesia se pode fazer publicidade...

Vene, vide — vince!

5.ª PÁGINA

Memórias de um Cruzeiro

— A camaradagem lá em Angola é uma coisa formidável! — diz alguém.

— Então porquê?

— Porque há-de ser—ofereceram-nos lá duas merendas...

Grande comilão!!!

6.ª PÁGINA

Corpo redactorial da «Chama Última redactora

Verdade que estou ansioso por ver uma coisa que julgava ser impossível — uma Paisana fardada...

8.ª PÁGINA

O Reverendo «Arcipreste» Eclesiástico canta:

«Granada

Tierra cantada...

A gravura de baixo

O Sr. Reitor protesta:

— Tudo p'ra ela! E p'ra mim nada?!

Anúncio

Eu queria um amor ligeiro,
eu queria um amor catito
p'ra passar o ano inteiro
e que, quando não tivesse dinheiro,
me desse um cigarrito...

Quase a imagem de Diógenes

Noite escura sem luar.

Eu encontrava-me num daqueles estados de espírito em que se não define em nós precisamente o que queremos e sentimos qualquer coisa de vago e imponderável à nossa volta.

Apeteceu-me passear só. Deixei a «malta» a ver televisão e fui pela estrada escura sem rumo certo.

Mãos nos bolsos e o olhar no firmamento puro e estrelado seguia estrada fora. Sentia a minha pequenez frente a tamanha imensidão.

Dum caminho surgiu um vulto escuro que pouco a pouco tomou forma — tinha uma barba rala e branca, os cabelos eram compridos e da mesma cor e segurava com a mão direita uma lâmpada de azeite com resguardo de vidro.

— Eis o filósofo! — pensei.

E arrebatado exclamei:

— Ó sábio dos sábios vindes na hora H!

Mas assaltou-me uma dúvida e perguntei:

— Quem sois meu sábio?

E ele espantado:

— Meu senhor?!

Reparei então no aspecto humilde do homem e acalmei para perguntar:

— Que é que vossemecê anda a fazer?

— Ando à procura duma besta.

A princípio julguei que aquilo era comigo, mas reparei no ar convicto do homem e afastei-me despeitado...

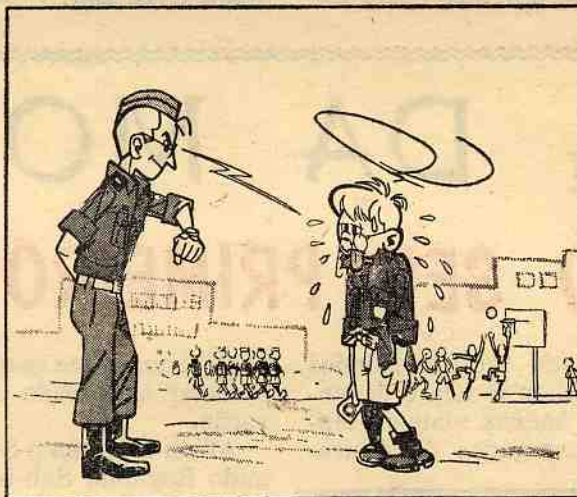
Poesia para inteligentes

Sete anos a pastar Jacob servia
Labão grande lambão, serrana bela
Não pastava p'ró pai era p'ra ela
Que pela erva toda a pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava contentando-se com vê-la
Mas lambão, usando cautela,
Mandou-o pregar a outra freguesia

Vendo o triste pastor que só a «bananos»
Lhe davam a miúda, a pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começou a tirar os outros canos
Dizendo: «Pior era se os esgotos
Além de tortos, velhos, estivessem rotos.»

Se virem por aí o Camões com cara de mau, avisem-me...

...de ter que «recitar» o 7.º Preceito

ANEDOTAS

TERRIVEL «COW-BOY»

Bill sai do bar e não encontra o cavalo. Volta a entrar e grita enfurecido para o «barman» agarrando-o pelos colarinhos:

— Dá-me o cavalo ou eu faço o mesmo que fez o meu pai!!!

E disparou uns tiros que fizeram com que o homem aterrado, lhe fosse buscar o animal.

Já a montar, o «barman» perguntou-lhe:

— Olha lá, que é que fez o teu pai?

— Foi para casa a pé...

—Ó compadre, enquanto não vem o pregador vamos ali em frente beber meio litro.

— Pronto.

Os dois foram e enguliram o vinho.

Entretanto o pregador tardava e um deles:

— Ó compadre, vai outro meio?

— Não, homem, agora não.

— Ande lá, compadre.

— Não — já disse.

Chega o padre e começa assim o sermão:

— Meus irmãos, para um cristão se salvar bastam dois meios...

E logo o primeiro:

— Eu não lhe dizia, compadre. Ande daí e estamos salvos...

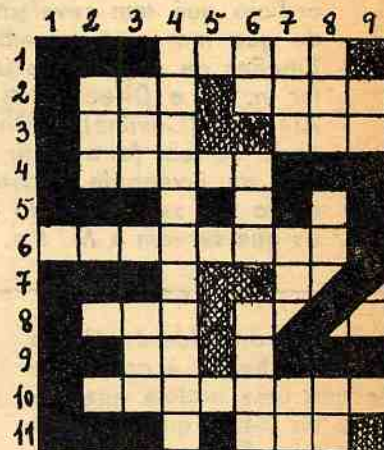
Um soldado:

— Durante a guerra tirei a pele a dez mil...

A menina indignada:

— Ai que horror! É preciso ter coragem! Bem lhes chegava morrer.

— O quê?! Já não se pode descascar batatas?!

Palavras cruzadas

HORZONTAIS: 1—Objecto para estudo; 2—ruim; produto fabricado a partir de certas algas; 3—abreviatura de nome de rapaz; norma; 4—versejador; 6 espécie de aves (plural); 8—lá; 9—artigo do plural; 10—fechara com tranca; 11—medida agrária.

VERTICAIS: 2—Mapa (inglês); 3—medida de tempo; casa; 4—converter ao luteranismo; 6—observei; lá; grande caixa de madeira; 7—lista; artigo no plural; atmosfera; 8—espécie de canção; forma do verbo ser; acusada; 9—ditongo oral.

NOTA — Sai solução noutra página.

Provérbios

1—Quanto mais alto é um homem, mais longe tem a cabeça do chão.

2—O homem mais baixo que existe é aquele que tem as solas dos sapatos a cheirar a fixador.

3—Quanto mais um homem cresce, mais as calças lhe ficam curtas.

4—Não deixes para amanhã o que fizeste ontem.

Celestino

QUADRAS SOLTAS

Há p'raí uns penteados
tentando imitar um buxo
e que põem as meninas
com cara de cão de luxo.

Temos Liceu Nacional
que trará um desacato
se o Sexto tiver que ir
p'ró cubículo do Sô Rato.

O nosso Director louvado pelo Comissariado Nacional

«Que seja louvado o Assistente do Q. G. Dr. João Manoel de Araújo Leite de Castro, pela muita competência, dedicação e espírito de sacrifício que tem revelado nas diferentes missões de que tem sido incumbido e, em especial nas funções de Adjunto do Director do Centro Escolar n.º 2 e Director da Casa da Mocidade da Ala n.º 2 (Covilhã) da Divisão de Castelo Branco, onde se tem feito sentir valiosa acção na formação da juventude, mostrando ser um dirigente digno de ser apontado como exemplo a todos os que servem a M. P.».

Depois da saída do último número chegou à nossa Redacção uma notícia que encheu de júbilo quantos aqui trabalham. Tratava-se da Ordem de Serviço número nove de 1 de Fevereiro de 1962 do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, que, pelo espírito de elevada dedicação, louvou o nosso ilustre Director A Q. G. Dr. João Manuel Leite de Castro, Diretor Adjunto do Centro Escolar n.º 2 e Director da Casa da Mocidade da Ala da Covilhã.

Justo prémio para o nosso Director que igualmente o é para nós, na medida em que estamos directamente a ele subordinados tudo lhe devendo e com ele vivendo os bons e os maus momentos não só da vida da Organização como mesmo da particular.

Por tudo isso orgulhosamente transcrevemos o referido louvor que vem premiar a sábia orientação dada à juventude por este nosso Dirigente sem que pretendamos com isso ferir a sua modéstia.

A.Q.G. Dr. Leite de Castro

Terminamos fazendo votos para que o apelo final do louvor frutifique em toda a seara onde cair.

D. Policarpo da Costa Vaz

Distinguiu-nos com a sua colaboração neste número especial da «Chama» o Senhor Dom Policarpo da Costa Vaz, nosso Venerando e querido Prelado.

A Redacção agradece muito reconhecida as palavras de Sua Excelência Reverendíssima e a grande honra que nos deu ao escrever para o nosso jornal o artigo «Macau — Farol da Luz de Cristo no Extremo Oriente», testemunho sentido dum grande Bispo Missionário.

"CHAMA"

Em homenagem ao Patrono do nosso Centro «Alferes Duarte d'Almeida» publicamos, hoje, aniversário da Batalha de Toro, o 3.º número especial da «Chama».

Agradecemos muito reconhecidos a todos que pela sua colaboração amiga e palavras de estímulo nos ajudaram no nosso trabalho.

A CASA DA MOCIDADE

COMEMOROU O SEU PRIMEIRO ANIVERSÁRIO

No passado dia 27 realizou-se uma sessão solene comemorativa do 1.º aniversário da Casa da Mocidade a que presidiu o Delegado Distrital Inspector do Q.G., Dr. Catanas Diogo, tendo estado presentes as autoridades religiosas, civis e militares, os dirigentes da Ala da Covilhã, o A.Q.G. Prof. Sequeira Mendes, da de Castelo Branco onde é Director da Casa da Mocidade, o C.B. Victor Sequeira Mendes, que representava o E. C. N.º 1 de Castelo Branco e os membros da direcção da Casa da Mocidade à excepção do seu Presidente C.B. Diamantino Ramos Gonçalves que se encontrava ausente por motivo de doença.

Além de muitos filiados que enchiam a sala e dependências anexas viam-se ainda Encarregados de Educação, professores de estabelecimentos de Ensino e outras pessoas mais que se quiseram associar à referida comemoração.

O Dr. Leite de Castro assinando há um ano o auto de posse

Abriu a sessão o Subdelegado Regional Sub-inspector do Q.G. eng. Ernesto de Campos Melo e Castro, que depois de ter saudado todos os presentes recordou a inauguração da Casa salientando o trabalho do seu Director A.Q.G. Dr. Leite Castro, de quem foi descerrado um retrato pelo Vice-presidente da Direcção, C.B. Victor Boga.

Falou em seguida o Dr. Leite de Castro que ainda visìvelmente comovido e impressionado agradeceu a homenagem que havia-lhe sido prestada e a que toda a assistência se associara calorosamente.

O Vice-Presidente da Direcção apresentou, depois, o A.Q.G. Dr. Cândido Baptista, Adjunto do Director de Centro Escolar n.º 1, que proferiu uma vibrante exortação.

Lamentamos que a falta de espaço nos não permita a sua publicação integral pois nela encontrariam os nossos filiados óptimas directrizes a seguir, quer na sua vida particular quer no serviço da Organização.

O Delegado Distrital encerrou a sessão dizendo da sua grande alegria por ver assistido a uma festa que decorrera dentro do melhor espírito de M.P. e por lhe ter sido permitido associar-se à homenagem que os dirigentes e filiados da Ala acabavam de prestar ao A.Q.G. Leite de Castro.

Felicitou ainda o orador e fez sinceros votos pela felicidade da Casa da Mocidade da Covilhã.

A.C.C. João Manoel Martinho